

Para um Astro

Danna Lua Irigaray

Para um Astro

I

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília, Instituto de Artes, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Linha de pesquisa: Deslocamentos e Espacialidades

Orientadora: Pro^a Dr^a Karina e Silva Dias

Danna Lua Irigaray Araujo

Brasília, 2023

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior - Brasil (CAPES)

Obrigada Raissa, Adrian, TSM, Julya, Adriana, Aline,
João, Alina, Adriana, Vic, Francis, Marisa, Dona
Ozágua e Seu Alfredo, Chico e Lurdes, Tide e Maria,
Lidia e Carlos

O presente dossiê é composto por três cadernos, que são apresentados na seguinte ordem:

Para um Astro

A Escrita do Astro

Diário da Queda

Essa pesquisa é uma declaração de amor para os astros. Através deles, é possível perceber a qualidade cósmica daquilo que nos rodeia.

A estrela, quando cai, se demora na retina entre um piscar de olhos e outro. Esse segundo cadente traz consigo a promessa do desastre.

Uma pista pode ser sutil como a pegada de um animal na areia. É um indício de um acontecimento, de que algo não está mais como costumava ser, de uma ruptura, um corte. É um murmúrio ao qual deve se prestar atenção, leve como poeira.

Às vezes a pista é uma grande seta que aponta, ou um cartaz no espaço que diz "eu te vi", descoberto por um telescópio como no conto Anos-luz de Ítalo Calvino¹. A pista sugere que há algo a ser descoberto, e não raro, nos leva a investigar os longínquos fenômenos do tempo.

Onde estava o protagonista de Calvino há 200 milhões de anos? Ele se pergunta após calcular a velocidade da luz da galáxia de onde veio o cartaz. E nos perguntaremos nas páginas seguintes: como

¹ (CALVINO, 2007, p.120)

podemos ver os fragmentos de algo grandioso, tão grandioso que quase desaparece camuflado na grandeza do mundo? O caderno que segue é composto por uma coletânea de prints, notas, sonhos, transcrições, coletas, traduções e invenções, além de enunciados e instruções para que o leitor encontre as suas próprias pistas.

Essa investigação tem ao centro a cratera e ao redor, o infinito universo.



Minhas credenciais podem ser verificadas no site:

<https://cursodedetetivegratis.com.br/>

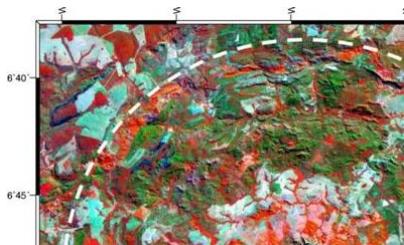


Imagem de satélite do Domo de Araguainha. Detalhe.



Pieter Bruegel, o Jovem (atribuído). *Paisagem com a Queda de Ícaro*. 1560. Detalhe



Danna Lua Irigaray. *O céu é o lugar da queda*. Frame de vídeo. 2020.²

² Os vídeos estão integralmente disponíveis em www.youtube.com/user/dannalua

Foi no Mato Grosso da pangeia que um meteorito caiu há 245 milhões de anos.

Nesse encontro de corpos celestes, a pele do mundo se abriu e, com os órgãos expostos³, cresceram montanhas de seus ossos. “Montanhas e falésias fazem aparecer a ossatura rochosa da Terra.”⁴ A paisagem em choque súbito, como pedra que cai em água, reconstruiu-se na evidência da queda. O oceano raso que era a região, rompeu-se em anéis de relevo, revelando a geologia e a terra, reconstruindo o chão e o fundo. Os peixes, os pequenos vertebrados, e 90% da fauna do mundo se extinguiu. As rochas de camadas profundas emergiram e se transformaram pelo calor. E tudo que entrou em contato com o impacto se transformou.

³ (OJEDA, R. 2014, p.15)

⁴ (DARDEL, 2015, p.16)

Desse luto de mundo, fecundado de outro mundo menor, restou a cicatriz. O meteorito teve seu corpo, sua matéria desaparecidos na queda. Seu corpo se tornou imortal na impressão da Terra.

O Rio Araguaia corta a cratera.

A cratera, por sua dimensão, é invisível. Foi através de imagens de satélites que os pesquisadores a perceberam na paisagem.

Astroblema: a cicatriz do astro⁵.

Astroproblema: o problema do astro.

⁵ Disponível em
<http://sigep.cprm.gov.br/glossario/verbete/astroblema.htm>

Cratera, do grego krater: grande vaso para misturar vinho com água⁶.

A partir dessa qualidade do recipiente, a de abrigar, a cratera é um certo vazio. A qualidade do vazio enquanto incorporal estoico é a de um espaço capaz de conter um corpo⁷ e é somente possível enquanto o vazio que rodeia

o mundo, este mundo. Como explica Cauquelin: “um incorporal, o vazio, é o lado de fora do mundo”⁸. Por isso dizer da cratera que é um *certo* vazio, essa paisagem do sumiço do corpo.

A cratera é um corpo híbrido, gerado pelo impacto do astro, é tanto sua presença quanto sua ausência.

⁶ Disponível em <http://etimologias.dechile.net/?cratera>

⁷ (CAUQUELIN, 2008, p.31)

⁸ (Idem p.30)

No momento em que o meteorito em queda adentra a atmosfera terrestre, a partir da gravidade, seu movimento é para baixo. Ou melhor, nesse momento cria-se um em baixo. A queda se torna então, uma descida. Na análise da queda, pode-se dizer que cai a pedra, cai o ferro, sua composição química, sua idade astronômica, seu peso, sua destruição iminente. E igualmente, caem as palavras. Todas essas usadas para descrevê-lo.

Do impacto meteorito-Terra, surge a palavra desse rastro: astroblema. A cicatriz do astro possui sua ambigüidade. É a cicatriz do astro que caiu ou do astro que foi atingido? Para responder e confirmar seu dúbio sentido de que é a cicatriz de ambos, precisamos reconhecer a Terra como astro em movimento. Para além de impacto, esse encontro de astros em movimento é uma colisão.

O Domo de Araguainha tem 40km de diâmetro, atravessados pelos 2km de diâmetro do meteorito. É a maior cratera de impacto da América do Sul.

Colidir. Colida, colida. Até que a colisão seja um reencontro.



Danna Lua Irigaray. *Deixar passar: exceder*. Registro de ação.
2017



Ana Mendieta. Da série *Siluetas*. 1975



Heather Cassils. *Becoming an Image*. 2013



Oscar Santillan. *The History of Latin American Astronomy* .
2019



Dennis Oppenheim. *Annual rings*. 1968



Danna Lua Irigaray. *Meu fóssil é brilhante sob o sol II*. Vídeo.
2018



Danna Lua Irigaray. *Casa de pedra e rio*. Vídeo. 2019



Danna Lua Irigaray. Da série *Mistral*. Detalhe de instalação.
2019



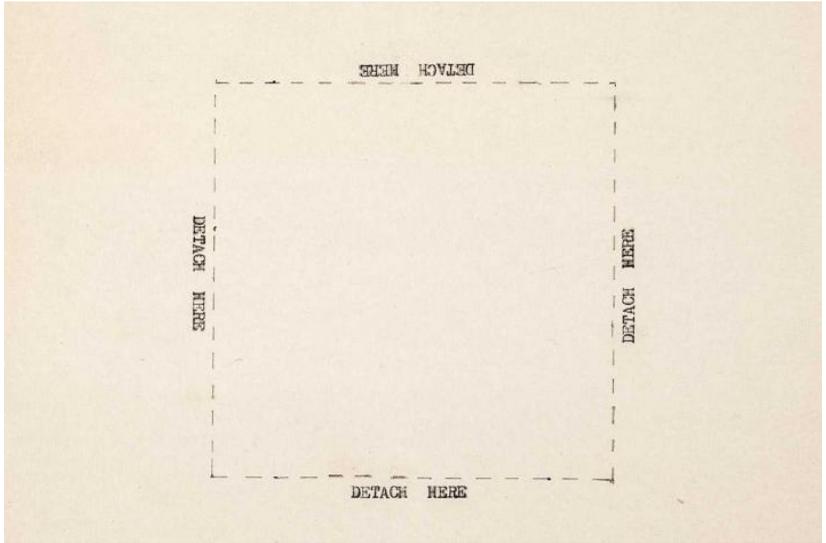
Danna Lua Irigaray. *Cabana da Chuva*. Ação em sítio específico. 2019

Se não encontrar fendas, as provoque.

Visualiza-te a ti mesmo
transformado de repente
Num esqueleto branco,
luminoso e enorme
De onde saem chamas tão
grandes
Que enchem o Vazio e o
Universo ⁹.

⁹ EVANS-WENTZ(apud WHITE, 2008 p.166)

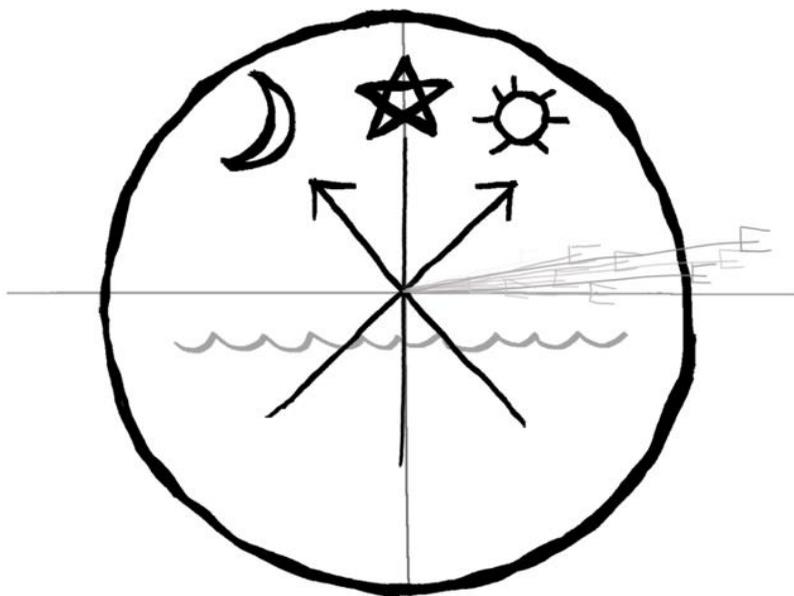
Esses animais (humanos terráqueos)
São como fósseis vivos
Ossos vindos de supernovas
Células maiores que as galáxias
Por que então
Não basta olhar uns aos outros
Em espelhos ou
Olhar os pés na terra
As mãos tampando o sol?
Para que ir mais e mais longe
Mais e mais fundo
E somente assim, continuar



Nancy Holt. *Detach Here*. 1967



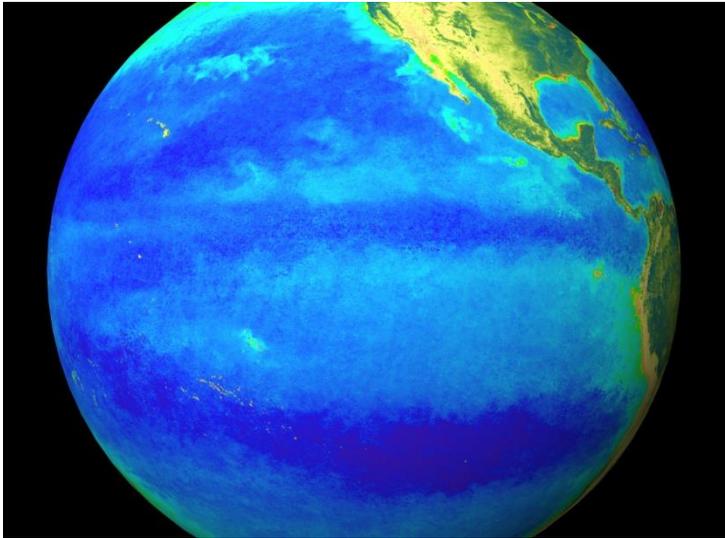
Danna Lua Irigaray. *Existe vida na Terra?* Fotografia.2019



Aline Motta. *Corpo Celeste*. 2020



Danna Lua Irigaray. Da série *Instalação do Para-astro*.
Registro de ação. 2020



Globo terrestre com foco no Oceano Pacifico.¹⁰

¹⁰ Disponível em <https://svs.gsfc.nasa.gov/707>



Cosmologia do povo Karajá, que habita as margens do Rio Araguaia.¹¹

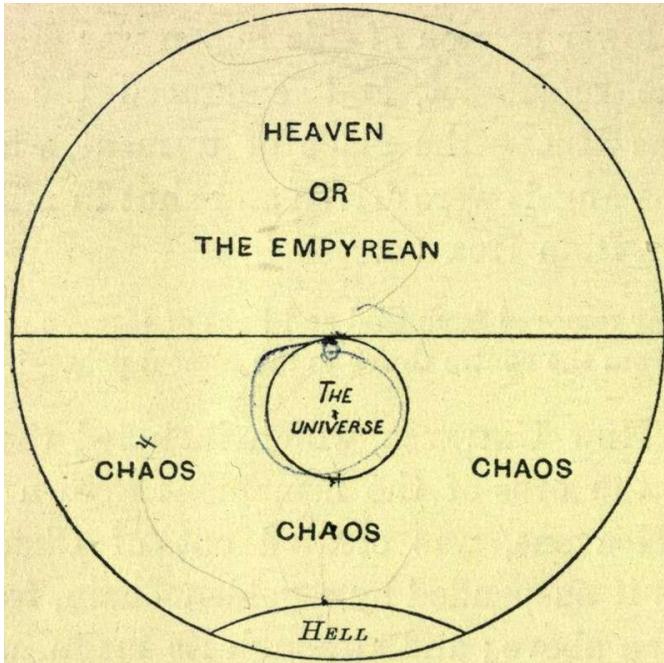
¹¹ Disponível em <https://projetoXaoz.medium.com/magia-karaj%C3%A1-155aa792dd6c>



Print screen de conversa com Baba ji, que responde qualquer pergunta de graça



Imagem de perfil da conversa anterior



Thomas Orchard. O Universo de John Milton. 1896

Um sonho:

Um astronauta no espaço, talvez esteja fora da nave. De alguma maneira, recebe a notícia de que a Terra desapareceu. Não existe mais. Nesse momento, deixa de existir também o céu. E o astronauta olha pela primeira vez.

Até a década de 1920, acreditava-se que o universo se resumia a Via Láctea¹². Dessa forma, o céu era um lugar com limites desenhados.

É recente a concepção de um universo infinito, numa era de fotografias de buracos negros, de incalculáveis galáxias, de descobertas de exoplanetas, de fosfina em Vênus. A noção então, de céu – esse que existe apenas como um ponto de referência em relação a Terra – se torna complexa.

O céu é um lugar de distância não definida, o lugar da queda de meteoritos, raios, chuva, pólen. Com o desenvolvimento dos dispositivos de visão, o que se pode ver e até onde se pode ver, se torna uma medida muito maior do que a nossa terrestre.

¹² Em dezembro de 1924 Edwin Hubble anunciou a existência de outras galáxias. Ver nasa.gov/mission_pages/hubble/story/the_story.html

Como definir esse espaço todo, infinito, que nos rodeia e do qual somos parte? Krenak afirma “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza”¹³.

A medida do copo

A medida da visão

A medida do percurso

O cálcio no brilho dos astros, nos ossos. Ambos caem.

¹³ (KRENAK, 2019, p.10)

PEÇA DE JOGAR

Jogue uma pedra no céu tão alto
que nunca volte.

Primavera de 1964 ¹⁴.

¹⁴ (ONO, 2009)

Nesses meses secos, a ausência da matéria água torna o céu visível entre as copas das árvores.

São longas horas a espera que caiam os astros no jardim.

Jogando pedras à Lua como os loucos de praça, esperando que suas quedas inspirem as estrelas.

As estradas para Araguainha e Ponte Branca estão fechadas com as chuvas de verão. A fazenda está em época de colheita e não pode me receber.

Encarar a página em branco. Já troquei a caneta duas vezes, fechei as cortinas, acendi velas. Nessa pequena imensidão, o que há? Que abram crateras, revele seu interior, não a escrivadinha que está logo abaixo, mas dentro desse corpo papel. Alfabetos inteiros. Seus órgãos de mundo desenhados, onde estão a primeira casa em chamas e os bicos dos pássaros. As costas de camelos cheias de água, todas as palavras dentro da palavra pedra, mulas de carga no caminho entre Cuiabá e Alto Araguaia. Os homens nas paredes da Serra da Capivara e carvão antigo. Mãos negativas, uma caverna cheia de ouro, as pedras vermelhas que moram no fundo dos rios. Mães com suas crianças debaixo da noite, os granitos que se tornaram hematitas em poucos segundos, o primeiro animal nascido em Marte. Um cão atravessando um rio ou uma faca amolada as 3 da manhã, ambos tão gelados. Um oceano que surge de uma fenda, uma montanha

que surge de um oceano. Uma esfera que cai. O último nascer do sol antes de sermos engolidos por Andrômeda. A supernova da qual nasceu o sol. Serpentes que rastejam em fila e as crinas dos cavalos pré-históricos, tão pequenos. As estradas abertas, um carro devagar, um olho em que tudo não cabe. Todas as coisas e outras coisas possíveis, que cabem nesse papel que nada pode dizer.

Na cidade de Araguainha, no centro da cratera, os fósseis, hematitas, quartzos e pedras de trovão estão não apenas na superfície do chão, como também em prateleiras, mesas de centro e gavetas de seus moradores. A geologia é um acontecimento das casas.

As cidades que moram na cratera: Araguainha, Ponte Branca, Alto Araguaia, Santa Rita do Araguaia, Doverlândia, Mineiros.

Jingle jangle, o cosmos está em chamas
(Cocorosie)

De onde estou, de costas para a porta.

A minha frente, imediatamente, está o Leste.

De onde nascem todos os astros.

É como nadar contra a correnteza.

E não deixo de pensar no rastro de fogo-cinza que
compõe o percurso dos dias
como se fosse o meu próprio.

Daqui ouço a floresta crepitar do outro lado do
córrego, desde de manhã. Espero que a chuva chegue
antes das chamas no quintal. (Ela chegou).

É hora de falar do fogo:

Foi na década de 1960 que o Sr Alfredo realizou,
manualmente, a construção da primeira estrada entre

Mineiros e Ponte Branca. Atravessando assim, a fronteira entre os estados de Goiás e Mato Grosso e também a cratera.

Sáimos de sua casa em Mineiros, de onde me levou até a Pedra Aparada, no meio do caminho dessa estrada, hoje asfaltada. Essa Pedra, uma montanha sem cume, é uma planície em cima de uma planície.

Na volta, contou dos benzedores de fogo, que a cavalo no começo do século passado, faziam pela fala com que o fogo subisse as montanhas da região, evitando que se espalhasse. O fogo sobe – disse – mas não consegue descer. Abriu um coco com uma faca afiada e disse: Essa faca quem fez foi seu tio Caio.

No dia seguinte, no Alto Araguaia, onde era a casa do tio Caio é hoje um supermercado, de onde comprei velas para ir ao cemitério.

Na luz do sol de verão, as velas queimam. As sombras de seus corpos verticais nos túmulos. E desse acontecimento, o bobo e impossível desejo de que sua chama tivesse sombra também, de que o fogo se anunciasse numa silhueta escura antes de fazer seu rastro de cinza.

Quando o meteoro se torna um meteorito, na atmosfera terrestre, acontece o fogo. É apenas na atmosfera terrestre que há oxigênio suficiente para combustão.¹⁵

O processo da queda do meteorito- uma bola de fogo cruzando o céu- diferentemente do voo de um pássaro, não produz sombra. Bachelard fala que a querosene, quando o líquido está em chamas, é como

¹⁵ Ver

<https://denverfirefightersmuseum.org/blog/f/planets-on-fire-the-science-of-fire-in-space>

se a matéria tivesse enlouquecido¹⁶. Acredito que o fogo, por si só é uma matéria enlouquecida, que não se pode pegar, coletar e que existe a partir do rastro e apenas na duração de consumir outra matéria. O fogo, o que impermanece, o que tem sua lembrança rarefeita.

Na ocasião da exposição "Em três tempos: memória, viagem e água", da artista Aline Motta¹⁷, Bispo escreveu sobre o caderno encontrado no naufrágio do Titanic. As anotações feitas a lápis estão legíveis mesmo após o longo contato com a matéria água. "O mesmo não ocorre com o fogo que, uma vez desperto, se espalha destruindo o que toca e de seu trajeto sobram cinzas."¹⁸.

¹⁶ (BACHELARD, 1998, p.100)

¹⁷ Realizada no Espaço Cultural TCU (Brasília) em 2019, com curadoria de Alexandre Araujo Bispo

¹⁸ Disponível em <http://alinemotta.com/textos-texts>

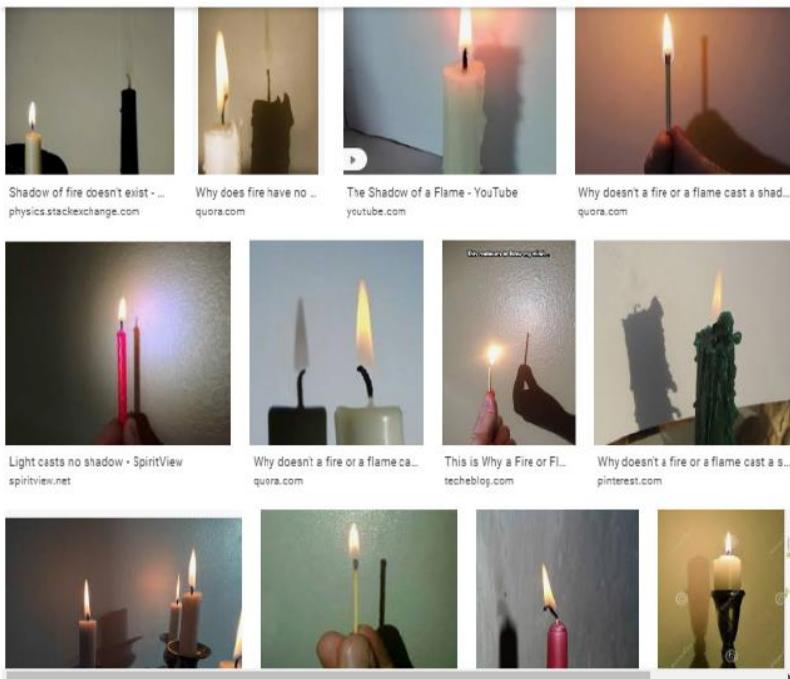
Ofereça palavras para a água e
palavras para o fogo
De que maneira se pode ler?

O conto o Imortal, de Borges¹⁹, se inicia no incêndio da Biblioteca de Alexandria. Dessas palavras para o fogo, segue a jornada em busca da cidade dos imortais. O imortal encontra então Homero, que perdido da língua era irreconhecível. Ele escreve as quase letras na areia e depois da chuva se recorda da Odisseia, a história de Ulisses. Logo ele que tapa os ouvidos com cera porque não quer cair. Ele, cuja cicatriz é o que permanece.

¹⁹ (BORGES, 1998)

Compartilhe sua sombra com o fogo. A siga

Escute as sereias e faça perguntas.



²⁰ Busca original em inglês “the flame of a candle doesn't cast a shadow”



Danna Lua Irigaray. *Talvez naufragar seja cair sem chão.*
Vídeo. 2017

Esta nuvem do espaço cheira a rum e tem gosto de framboesa

Esther Inglis-Arkell

09/04/15 14:00 • Arquivado para: QUÍMICA ✓



Print screen de tradução automática de reportagem²¹

²¹ Disponível em <https://io9.gizmodo.com/this-space-cloud-smells-like-rum-and-tastes-like-raspbe-1695890013>

Nas ruas de Araguainha, fala-se dos geopiratas. Que com suas máquinas e caminhões, na calada da noite saqueiam e comercializam de maneira ilegal seus minerais.

Tudo isso era um mar de onde nasceram montanhas.

Das heranças do pai:

A lembrança da polícia de Vargas desenterrando os livros no quintal

Também herança: O primeiro volume do dicionário de astronomia e astronáutica. Só o primeiro volume.

De

A- Abreviatura de angstrom; designativo da 1ª raia de Fraunhofer; designa , o 3º tipo espectral de Harvard(...), a 1ª letra dominical e o primeiro anel de Saturno. Minúsculo, simboliza o semi-eixo maior, elemento orbital (v. Órbita e Cometografia)²²

²² (PAIVA, 1979, p.31)

Até

Juta- Asteróide descoberto por Reinmuth, em Heidelberg (Alemanha Ocidental), a 22-2-1930 e que recebeu o nº 1.183. Homenagem à santa desse nome, natural de Bingen (AI.), onde faleceu a 22-12-1136. Tia de Hildegarda (v.v.), da qual foi mestra.²³

Esse é o tamanho do meu cosmos.

²³ (Idem. P.437)

No nascimento começa a queda. Diferente do pouso, essa é definitiva. No prólogo de *Cosmos*, Onfray narra a morte do pai: “ ‘Hoje não vamos ver nossa estrela polar’. Ele respondeu: ‘Não, hoje o céu está nublado...’E então morreu em pé; eu o deitei no nada (...)”²⁴

Sua herança foi a estrela polar.

²⁴(ONFRAY, 2018, p.20)

Cair no vácuo, como eu caía, nenhum de vocês sabe o que isso quer dizer. Para vocês, cair significa tombar, por exemplo, do vigésimo andar de um arranha-céu, ou de um avião que se avaria em voo: precipitar-se de cabeça para baixo, bracejar um pouco no ar, e logo a terra vem se aproximando e levamos um grande tombo.²⁵

²⁵ (CALVINO, 2007, p.110)

Como um eclipse ou a passagem de um cometa, o alinhamento dos planetas, a lua nova, as tempestades solares, uma supernova, o equinócio, etc. Não existe um evento equivalente para o tempo, uma noite no calendário em que se marque: Aqui, às 21h o tempo irá parar. Sua medida é uma distorção que pode ser percebida como anos ou segundos, conforme a constituição física e psíquica de cada cidadão até o retorno do movimento do relógio.

As medidas mimetizam os astros.

O acidente geográfico pode ser o do próprio corpo.
Se não tiver pistas, caia.

Uma das teorias acerca da origem da vida na Terra é a de que moléculas orgânicas, aquecidas nos oceanos originários, formaram a chamada Sopa Primitiva. Da qual, a partir de reações químicas e ao longo de milhões de anos, surgiram as primeiras formas de vida.²⁶

²⁶ Confira a receita em <http://www.astronoo.com/pt/artigos/sopa-primordial.html>

Um minuto antes do fim do mundo, todos se reúnem no gramado do Kunst museum. Homens e crianças formam um grande círculo e se dão as mãos. Ninguém se mexe. Ninguém fala. A quietude é tão absoluta que cada pessoa pode ouvir as batidas do coração de quem está à sua direita ou à sua esquerda. Este é o último minuto do mundo.²⁷

²⁷ (LIGHTMAN, 2014)



Pieter Bruegel, o Jovem (atribuído). *Paisagem com a Queda de Ícaro*. 1560

Caí na erosão há seis dias e desde então sonho com o medo do mineral. Ela se tornou cratera na duração da queda. Do seu interior úmido de águas desviadas, contemplo as imagens do rastro desse encontro na pele (os carrapatos).

As cicatrizes desse encontro animal-animal, pequenas crateras na geologia do corpo. Como a Cratera, do encontro mineral-mineral. Um indício.

É preciso observar o mundo antes de escrevê-lo, por conta do espanto que cria a palavra no papel. Seguir a direção de quando a resposta é escuridão, ou quase ver entre os cílios.

É preciso escrever sobre todas as palavras que lemos errado, que mostram os vazios na página, os esbarros aos poucos na paisagem do texto.

Quando a gata do mato morreu em abril, as sombras das árvores balançando no vento estavam projetadas no seu corpo, como se o respiro do mundo fosse o dela próprio.

No pronto socorro, sobre um único furo de dente minúsculo no dedo indicador, disseram-me:

“Esse gato, ainda que de espécie doméstica, é um selvagem em sua condição de vida silvestre.”

Desejar ser como a gata, como a palavra selvagem – aquela que não pode ser lida, aquela que nos retorna ao momento antes da alfabetização em que as palavras desconhecidas são promessas que podem ser quebradas. São como as letras de um livro fechado,

em risco de se misturarem e se perderem no decorrer da noite.²⁸

A mordida cicatrizou e não deixou rastro. Aqui, a cicatriz é um marco do que passou, um dizer do passado: isso não está mais aqui. A cicatriz do astro, diferentemente, é aquela que permanece. A que não pode desaparecer, ainda que o corpo de seu impacto e queda desapareça (nesse caso como a gata).

Existe a palavra gata e a palavra morte. Mas talvez a única escrita possível e a única leitura possível sejam a do seu corpo na terra. Na escrita da terra se leem astros.

²⁸ (BORGES, 1998 p.94)

Na escrivadinha agora: sal do Saara num vidro que 5 semanas após esse manuscrito se quebrou. Uma pedra rosa de leito de rio. Um crânio de cão. Duas pontas de obsidiana do México. Uma hematita de Araguainha.

Das coisas de tempos e espaços de longe: colocar todas juntas em cima de uma mesa para matar as saudades dos tempos do big bang. As moléculas todas juntinhas.

"O olhar erguido para o céu revela ser antinômico do olhar baixado para o livro. O mundo não se resume a uma biblioteca. O real não se enjaula nem se aprisiona no papel."²⁹

Entre o céu e o olho: o telhado

Entre o chão e o olho: o livro

Entre o horizonte e o olho: a cidade

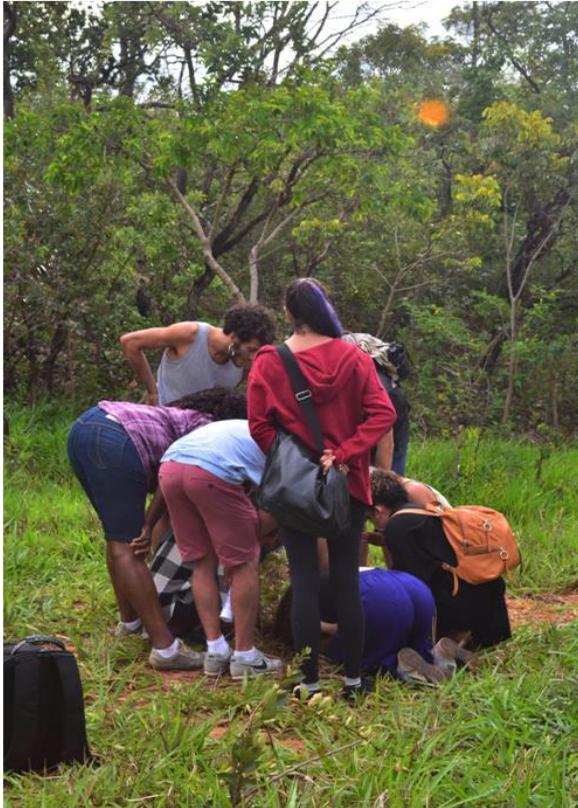
²⁹ (ONFRAY, 2018 p. 364)

Quinta-feira sonhei que o horizonte mudava de sentido, passava a ser vertical. Então, de noite via no céu a lua e bem lá embaixo continuava vendo o sol. A imagem convidava a uma imersão, o observava viajar no oco do horizonte, passando entre águas e formas.

Escrevo debaixo da luz que entra pelas rachaduras nas telhas. Nos próximos meses a chuva chegará e a casa se prepara como para a chegada de uma visita. Os cômodos todos estarão prontos para que seu corpo de água não entre. Sendo ela, a chuva, a que envolverá a casa inteira, a relação de hospedagem se inverte: a casa apenas um pequeno cômodo dentro do mundo de água. A chuva envolve a casa num abraço.



Danna Lua Irigaray. *Rios temporários: Noite*. Ação em sítio específico. 2017



Danna Lua Irigaray. *Cabana da chuva*. Ação em sítio específico.2019

eso1210pt-br — Nota de imprensa científica

VLT redescobre a vida na Terra

29 de Fevereiro de 2012



INTERNACIONAL

Cientistas encontram local na Terra em que não
existe vida



30

³⁰ Print screens das seguintes páginas, respectivamente:
<https://www.eso.org/public/brazil/news/eso1210/>
<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2019/11/26/cientistas-encontram-local-na-terra-em-que-nao-existe-vida.htm>



Detalhe da parede onde são anotadas as pistas



Oscar Santillan. *Day and Night*. 2020

FAÇO SEU DESEJO na noite do dia 28 de Julho

Até 25 estrelas cadentes serão visíveis por hora no céu rural. Mande seu desejo para **facoseudesejo@gmail.com** que eu faço por você

Danna Lua Irigaray. Da série *Faço seu desejo*. Cartaz. 2020

FAÇO SEU DESEJO

Na noite do dia 21 de Outubro

Até 25 estrelas cadentes serão visíveis por hora no céu rural. Envie seu desejo para **facoseudesejo@gmail.com** que eu faço por você

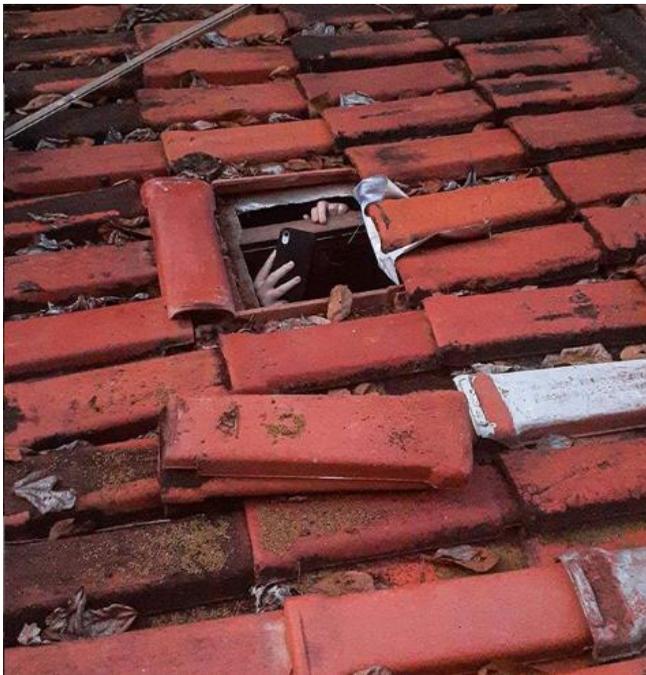
Danna Lua Irigaray. Da série *Faço seu desejo*. Cartaz. 2020



Robert Morris. *The Observatory*. 1971



James Turrell. *Craigianour Skyspace*. 2003



Danna Lua Irigaray. Da série *Instalação do Para-astro*.
Registro de ação. 2020



Print screen de conversa com médium que estabelece contato com extraterrestres

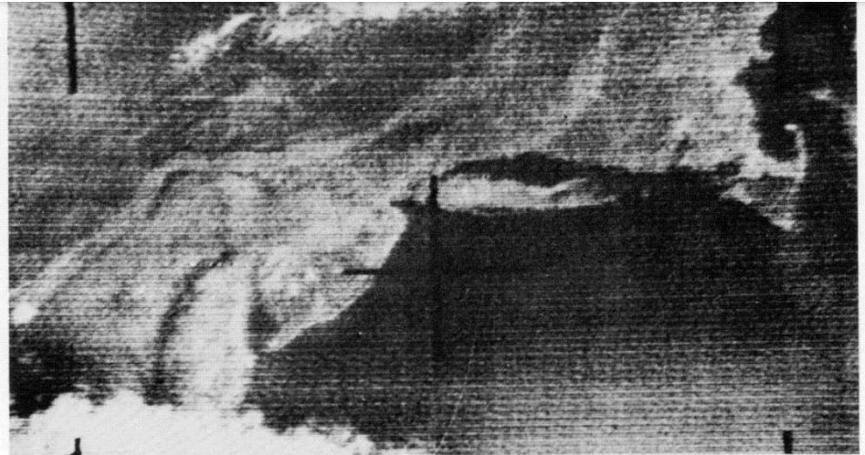
Metal usado durante a Idade do Bronze pode ter origem alienígena

Artefatos da época têm quantidades de ferro e níquel impossíveis para a Terra. E o mais provável é que tudo tenha vindo do espaço, à bordo de meteoritos

Por **Guilherme Eler** - 6 dez 2017, 18h48

31

³¹ Print screen de reportagem disponível em <https://super.abril.com.br/ciencia/metal-usado-durante-a-idade-do-bronze-pode-ter-origem-alienigena/>



Tiros photograph of the eastern seaboard of the United States reveals no visible sign of life—intelligent or otherwise—in Boston (upper right), New York City, or Washington. The effective resolution is a few kilometers.

Na legenda da imagem se lê: “As fotografias do satélite Tiros da costa leste dos Estados Unidos não revelam nenhum sinal visível de vida - inteligente ou não - em Boston (canto superior esquerdo), Nova Iorque e Washington (...)”³²

³² (SAGAN, C. 1972, p.16-19). Tradução nossa



Imagem Aérea das Linhas de Nazca



Dineo Seshee Bopape. *sa ___ ke lerole (sa lerole ke ___)* 2016



Danna Lua Irigaray. *Rios temporários: ponte*. Vídeo. 2017



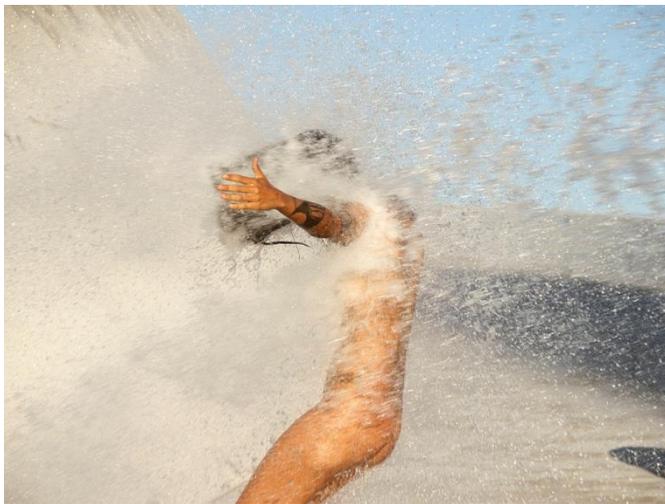
Erika Verzutti. *Cemetery with Fringe*. 2014



Danna Lua Irigaray. *Sopa Primitiva*. Instalação. 2019



Danna Lua Irigaray. *Meu fóssil é brilhante sob o sol.* Vídeo.
2018



Maria Eugênia Matricardi. *Corpo contra conceito*. 2013

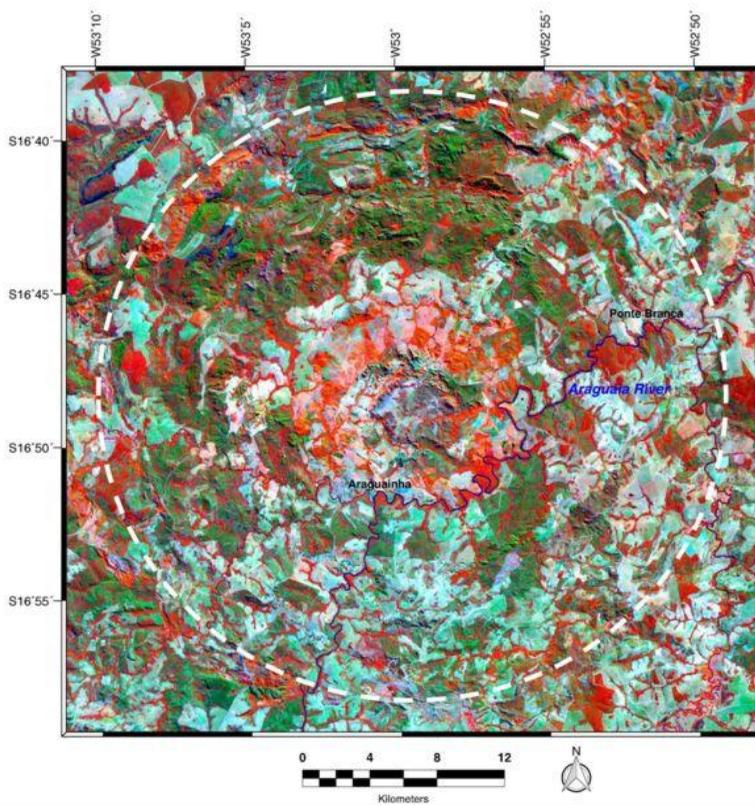


Imagem de satélite do Domo de Araguinha

Na Serra da Arnica

Há de tomar cuidado com as cobras no verão, que em período de reprodução, perambulam. Os que cresceram na beira do Rio Araguaia sabem: cabelo deixado em pedra no leito do rio vira cobra. Em Santa Rita, a casa do benzedor de cobras estava vazia. O homem que reza às cobras para que saiam de fazendas infestadas em fila, contam as testemunhas, estava viajando.

Na serra da Arnica, o chão já é uma lembrança da queda. Pequenas pedras brancas aos seus pés.

Na subida, a lembrança do fogo desvanece. Chove muito nesses meses, as canelas de ema verdes, florescerão para se incendiarem mais uma vez

No cume, Eduardo aponta ao horizonte:

“daqui

Pode-se ver os dois primeiros anéis da cratera”

Pavoroso momento da visão. A cratera, invisível em sua gigante escala, apareceu. Ali, no centro de seu impacto, do desenho do dedo que aponta, irromperam seus contornos.

Pavorosa paisagem, a invisível, impossível, que se revela lá do alto. Como ver o Egito inteiro do alto da pirâmide, enfim livre dos detalhes do chão.³³

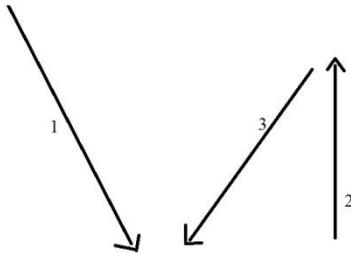
³³ (BESSE, 2014, p.72)

Quando o artista Robert Morris foi à região de Nazca em 1975, não quis, em voo, mimetizar a visão de pássaro. Com os olhos no chão, lançou seu corpo aos geoglifos em “uma busca tateante em meio a nuvem de poeira e areia”³⁴.

Investigue a poeira.

³⁴ CORRÊA, P. 2018, p.65

Na cratera, é preciso fazer o movimento inverso do meteorito, para que então possa cair o olhar sobre ela. A queda nos lança ao céu. E do céu, podemos também cair.



- 1 – o movimento do meteorito em direção à Terra;
- 2- o movimento do corpo para tornar a visão possível;
- 3- o movimento do olhar em direção à cratera.

A visão pode adentrar a cratera, mas é somente ela, tão maior que nós, quem pode permitir. Seu corpo

cratera seria habitado pela saudade do impacto?
Presença-ausência do meteorito transformado em
acidente no relevo.

Faça do olhar uma cratera. Olhe as cinzas como se os
olhos fossem fogo. Olhe para a relva e seja uma
erupção

Anote. Não entenda a própria letra

A primeira lembrança: um telescópio em um quarto branco. Em 1994.

Desde então, o mundo foi pensado através de lentes. Ainda assim, foram 20 anos até que olhasse através de lentes celestes telescópicas.

Eram as lentes outras que guardavam o interesse. As coisas do jardim, de buracos de cães ou os feitos com pás, mãos – minúsculos ossos de répteis, quartzos, asas de cigarra, pernas de bonecos, canecas – eram atravessadas pelas lentes do microscópio. Foram anos de treinamento da visão para que ela se erguesse e para que aquela lente, em um dia claro de 1994, se tornasse uma memória outra: a da primeira vez que olhei por um telescópio.

O astro que desaparecia do enquadramento, de leste a oeste, revelava o próprio movimento terrestre. É mirando para fora, além-horizonte e admirando-se com nosso próprio modo de ver,³⁵ que percebemos a Terra.

³⁵ (CAUQUELIN, 2007, p.7)

Existe vida na Terra?

É título de um artigo publicado por Carl Sagan em 1972 ³⁶. Foram feitas fotografias da Terra pelo satélite Tiros, afim de compreender quais os parâmetros visíveis indicam a possibilidade de vida. O resultado constatado das primeiras imagens foi de que não haviam sinais de vida visível no planeta.

A pesquisa foi uma das percussoras do telescópio VLT, que apenas em 2012, determinou que sim, existe vida na Terra.

³⁶ (SAGAN, C. 1972, p.16-19)

Sonhei que encontravam o Artur.
um homem o viu através do telescópio
com uma lente terrestre
seu cabelo estava tão longo

Os telescópios domésticos possuem, em seus kits de lentes, uma que se chama Lente Terrestre. Recomendada para a observação de paisagens, animais e plantas. Em sonhos e na imaginação, ela é capaz de mirar qualquer lugar na Terra.

Entre junho e julho, durante três semanas, chove pólen.

“Quem disse que a gente não pode cair?
Quem disse que a gente já não caiu?”³⁷

São 100T de poeira de meteorito que caem na Terra por dia. Os cientistas os encontraram nos telhados de grandes cidades usando ímãs de neodímio.³⁸

O Para-astro, como o para-raios, sinaliza ao meteorito que caía. Melhor localizado no alto do telhado, seu fundo prateado é atraente aos astros.

³⁷(KRENAK, 2019 p.29)

³⁸ Informações extraídas de
<https://www.scientificamerican.com/article/how-to-find-tiny-meteorites-at-home/>

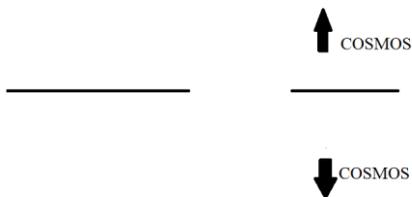


O Para-astro

Deseje a queda



Na ocasião da inauguração do Para-astro, na noite de 21 de junho, perdi parte do telhado para ganhar o céu como forma de celebração. A duração prevista de uma noite, logo se tornou 60 noites.



Representação da fenda no telhado. A linha representa o telhado e sua abertura. Abaixo está o interior da casa, acima está o céu.



Após a instalação: em cima da cama, as estrelas

O Para-astro caiu.

O vento o derrubou.

Nessas 60 noites, caiu o pólen sobre a cama.



A poeira do pólen também é poeira do céu.



Após inspeção com ímã de neodímio na poeira do pólen, essa pequena quantidade de poeira magnética foi encontrada. Do qual uma parte menor ainda, possivelmente, talvez seja constituída de meteoritos.

Foi na idade do bronze que algo curioso, um marco na longa história terrestre ocorreu:

Na Sibéria Meridional, graças ao bronze que permitia a produção de instrumentos mais cômodos, as tribos que até então dependiam do movimento da caça e do acaso da recollecção, tornaram-se sedentárias e agrícolas. A sociedade da idade do bronze atinge o seu ponto culminante (...) foi precisamente a partir desse momento que algumas tribos se separaram e passaram ao estado nómada³⁹

³⁹ (WHITE, K. 2008, p.44)

Esses cosmos-punhais, os que fizeram mulheres e homens se tornarem sedentários, eram feitos da matéria prima de meteoritos. Esses, que em deriva e órbita por milhões de anos, às vezes mais, se tornavam também sedentários após a queda na Terra.

Segundo Onfray, a viagem se inicia ao fechar a porta de casa.⁴⁰ O que significa que o viajante tem uma casa, a qual regressa. Por outro lado, o que não tem onde regressar, o que erra, está fadado a maldição da errância e da vagabundagem.

Tendo crescido e vivido na mesma casa desde sempre, busquei rapidamente no navegador “saudades de casa em casa” (especificamente a pesquisa foi *homesickness at home*). Ao que logo fui redirecionada a uma comunidade online que afirmava que tal sentimento é gerado por uma origem genética cósmica. A saudade de casa seria no caso, resultado de a casa ser de fato, em outro planeta. Me deparei também com a possibilidade de entrar em contato com minha genealogia cósmica através de uma profissional pelo valor de 200 dólares.

⁴⁰ (ONFRAY, 2009)

Foram cinco meses até encontrar um serviço de mesma natureza no Brasil.

Há momentos em que latitude e longitude não são o bastante para traçar as distâncias e rotas da investigação. As pistas devem ser seguidas.

As mensagens recebidas são instruções:

- 1- Somos todos parentes (o que convida a uma relação fraternal com os astros)
- 2- As crateras precisam ser mais fundas (é preciso cavar)

São muitos os conhecedores do céu:

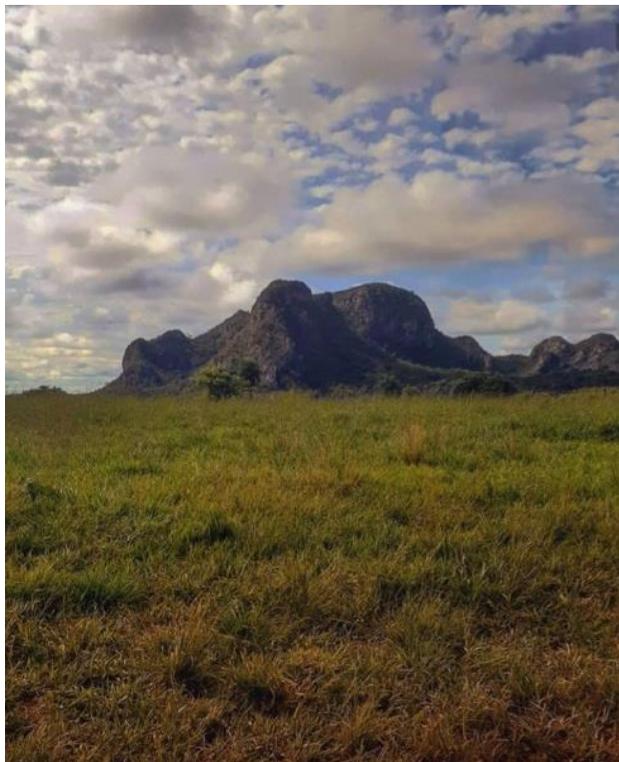
"O camponês, o agricultor, o horticultor, o apicultor, o marinheiro, (...) sabem mais acerca do mundo do que o filósofo, que não raro, dele só sabe o que dizem os livros."⁴¹ Para conhecer o céu: cavar para as raízes, esperar a queda, conversar com as estrelas.

Aqueles que acendem incensos e clamam trazer na própria voz as palavras dos espíritos dos meteoros também podem ser, de uma outra forma, conhecedores do céu, legitimados pelo poeta Rumi⁴²:

⁴¹ (ONFRAY, 2018, p.362)

⁴² Disponível em <https://escamandro.wordpress.com/tag/rumi/>

O dia todo eu penso nisso,
mas é só de noite que eu digo.
De onde eu vim, e o que eu
deveria estar fazendo?
Eu não faço ideia.
A minha alma é de algum
outro lugar,
eu tenho certeza disso,
e a minha intenção é de lá
m'acabar.



Vista do centro da cratera

Seu corpo de queda, um sonho.

A cratera é um lugar para onde não pude retornar, dadas as condições mundiais da pandemia de Covid-19. Sua imagem e seus devires, se tornaram acontecimentos do devaneio do lado de dentro de casa. Evoco seu corpo de saudade da colisão, seu volume, seu corte afiado nas fendas que me cercam e que me oferecem, em murmúrio e rugido, as pistas de uma língua que posso sonhar.

A Escrita do Astro

II

Diante as centenas de pedidos que fiz aos astros e as pistas do primeiro caderno, me deparei com silêncio.

A língua também é uma junção de peças que formam o chão do nosso léxico e reconhecimento que há nos fragmentos das pistas e nos estilhaços dos meteoritos caídos, um alfabeto.

Diante tudo que a cratera me fez ver, as imagens também respondem com silêncio.

Então na tentativa de contemplar a escrita dos astros e escrever com eles (mais do que como eles), esse caderno é composto de textos escritos em alvoradas e poentes, diante o fogo ou cinzas,

escritos entre sonhos ou quando era impossível
sonhar, escritos quando o luto não tinha nome.

Esse caderno contém:

12 vezes a palavra buraco

oito fogos

nove escritas

vinte cinco terras

noventa e três não

três sim

quatro corações

dez quedas

treze noites

vinte e um sóis

sete luas

cinco mapas

sete jardins

catorze olhos

Talvez a única escrita possível seja a do corpo e a da terra.

O segundo caderno se inicia com uma repetição. Assim como a língua surge da repetição de palavras, não para afirmar que tenham o mesmo sentido, mas sim para descobrir seus distintos significados.

O planeta Terra tem um pulso constante.
Como um coração que bate a cada 27.5 milhões de
anos. ¹

Cada batida, um desastre geológico. Extinções em
massa, atividade vulcânica, aumento do nível do
mar.

¹ (RAMPINO et al., 2021)

Deitada no chão, de barriga para baixo. Cada vez
que o coração bate no peito é uma queda.

Não há treino para a alvorada, um prelúdio que seja. Em cada piscada de estrela, ainda é noite e o giro do astro não recua. O movimento no espaço que faz a métrica do tempo não tem pausas. O nascer do dia, então, não é aperfeiçoado na repetição. Apenas constante. Como é a palavra.

Então subo no telhado e escrevo até que o Sol esteja tão claro, que em uma cegueira de branco se torne o papel.

As crianças sabem (como os adultos também sabem e transmitem para elas as duras ferramentas da infância) que o que o Sol precisa para se tornar fogo é apenas de uma lente.

Peço todas as madrugadas para os astros
nascerem. Imagino que isso é um diálogo

Ao passo que o aedo, como era Homero na Grécia antiga, canta e se compreende sua língua, uma comunidade se forma.

Para se tornar um aedo que canta para a paisagem:

O primeiro estado é o desejo.

Desejar cantar para as pedras, as montanhas, os rios, os pássaros. (é fácil acomodar-se no primeiro estado)

O segundo momento é ouvir. E na contemplação, perceber a comunicação dos seres e elementos que compõem a natureza.

Terceiro: aprende-se a língua. A fluência não se realiza, pois não é possível dizê-la, percebê-la.

Quarto: Emudecer.

não desejar mais ser o que canta para aqueles que já estão cantando e que o fazem desde antes haver o tempo e a palavra.

Conseguirei ouvir os lobos? De dentro de casa, de dentro da noite. Não os vejo.

Mas as feras uivam.

Os ouvidos precisam reconhecer sua língua, mesmo que não compreenda.

Também os astros uivam, também são feras.

Conseguirei ouvir a estrela que se desgarrar na luz dos dias, as constelações cegas de sol?

Conseguirei fazer dos sentidos um eclipse, para que as perceba? E também na madrugada, quando já foram dormir os lobos, escutar a respiração dos planetas?

O hálito de uma galáxia, assombroso, ecoa.

A Terra mostra os dentes e rosnamos junto, se pudermos eclipsar. Somente se tivermos ouvidos

aguçados o suficiente para ouvir o esturro do sol
há tantas milhas e além do oceano.

De dia há um lampejo da noite em cada piscar de
pálpebra, em que um lampejo de estrela ofega.

Você consegue ouvir as feras?

Escrevo,
mesmo que falhe. Como a memória falha quando
me lembro da lua branca que nem jasmim e toda
noite é rosa de cobre que brilha.

Escrevo polindo o cobre, para no fim, ter feito uns
riscos de todo tipo de profundo, dos quais se
podem juntar um alfabeto.

Se estou na Terra, é do Leste que nascem essas
constelações todas. Mas saio um momento. Bebo
das letras do Sul, da língua própria da palavra que
se mostra: é um pássaro que pousa em meu ombro
e voa. Um fantasma que me toca a mão e continua
morto.

Nastassja Martin explica que possui dois cadernos de campo. Um é diurno, com notas, diálogos e transcrições que serão ordenadas objetivamente. O outro é noturno, cujo conteúdo é "parcial, fragmentário, instável".²

² (MARTIN, 2021 p.27)

O Universo possui idade aproximada de 14 bilhões de anos. O que significa que o tempo não é eterno. Pode não ter um fim, mas teve um começo.

Existe um cristal brilhante e transparente dentro de cada olho humano. No aparelho de visão de algumas pessoas, ele se torna opaco e se isso ocorre, é possível fazer uma cirurgia para trocá-lo.

Foi assim que meu pai explicou sua operação de catarata, quando eu era criança.

A cegueira está no horizonte.

Durante a pandemia, numa progressão veloz, minha mãe igualmente teve seus cristais opacos de catarata. Da porta de entrada, a luz entrava tornando os cômodos uma neblina brilhante. Os móveis da casa desapareceram em sua visão um a um. E por fim, não havia mais meu rosto.

A casa se tornou um prisma dividido de não-vistos: ela não via o que já havia visto e eu não via a própria cegueira.

Helene Cixous descreve a experiência de deslocar-se na cidade em cegueira, no caso decorrente de miopia, no trajeto até a Universidade havia um ponto cardeal que a guiava: um monumento, sólido, maciço e matérico, de Joana Dark.³

O estabelecimento da cegueira é marcado pelo momento em que a estátua desaparece em sua visão de cego véu.

Mas o que é mais concreto e material que um monumento, se não um rosto amado?

³ (CIXOUS, 2001)

Meu rosto é frágil, pois qualquer rocha em impacto que o atingir pode, tão logo, o fazer deixar de ser um rosto e se tornar um crânio.

Os videntes não veem tudo, pois não veem a
cegueira.

Fecho os olhos um pouco:

O aedo pode cantar para a paisagem? Essa violenta e espacial.

Escrevo no escuro, pois na língua está o indivíduo e isso me assusta.

Agora abro:

É sombra nenhuma que vejo no papel, quando coberto de completa noite.

Canto para a chuva, para os ásperos pedaços de araucária, a neblina e etc. E ainda assim, quando diante um outro, fico emudecida do desespero da língua.

Na alteridade do espaço e a hospitalidade do buraco, há o amor pela matéria. Mas quem são os outros? Esses que pedem para adentrar.

Aonde os coloco, senão do lado de fora desse jardim fantástico, de bestas amansadas e flores que suspiram ao serem devoradas?

Dar de comer aos que não se sabe o nome, ou o nome que não sabe dizer, pois estrangeiro. Acender o fogo que, como o do centro da Terra, faz comida.

“Eu amarei quem quer que escute o meu grito”⁴

⁴ (DURAS, 1979)

“há uma voz das plantas? há uma voz
do fogo? há uma voz dos cavalos”?⁵

⁵ (ESTAREGUI, 2021)

Olho esse ponto em que não estou.

É uma árvore em meio a outras milhares de árvores, com algum espaço livre ao seu redor.

Imagino como pisam os pés lá. E se correm, sinto na ponta dos dedos como é quase errar o chão. E se permaneço vertical, então é porque antes de escrever, danço.

Majestoso onde não estou, consegue me ver também? Sabe que como você, o fogo também tornaria minha matéria desaparecimento? Sabe que consumindo o olhar nessa linha reta e violenta é que está o horizonte?

É porque posso queimar que existe a paisagem. Pois para uma rocha, cada infinito é um instante e

vice versa na permanência mineral. Apesar de todo magma e lápide, há a branda demora dos que não temem a danação.

Vejo o infinito negro do incêndio, sinto o solo desfazer e toco cinzas: nesse chão, haverá fungos que cultivam vida. Então há de se plantar um cuspe, para que nasça um choro depois, à noite, quando cada estrela for promessa de congelada chama.

É possível que o Tempo, o elemento essencial, a matriz e a medida de toda arte animal conhecida, não entre de forma alguma na arte vegetal. As plantas podem usar o medidor da eternidade. Nós não sabemos.⁶

⁶ (LE GUIN, 2020)

Como será o juízo final se os átomos dos corpos que não existem mais são agora os átomos de outros corpos? Talvez a Terra abra dois olhos. Talvez o infinito do universo signifique que há lugar para todas as coisas e, assim, faz sentido haver o espírito. Já que a matéria tem seu limite e seu fluxo de metamorfose.

O cosmos não ter fim - infinito, por definição- é assim, tão somente, se as coisas outras todas, não tiverem fim.

(O que queima, o que já não é, os que desapareceram sem rastros, o que é corrupto, decomposto)

Há algo de todas as coisas que se apreende na memória do universo. A palavra mais próxima do *esquecimento* é *buraco negro*.

Então para cada inseto e choro e beijo e ser e ponta de dedo, um lugar.

Um lugar no texto.

E nessa escrita que não treina, como o crepúsculo e a morte, há um desejo: de que a escrita pudesse sair do livro e ver o livro. O que é o mesmo desejo do cérebro: de sair do corpo sem matar o corpo, apreendendo o mundo através das fendas.

Vejo um espectro que ninguém vê. Não é uma alucinação. É um vulto. Não desdobra o mundo, apenas o corta suavemente, como vento.

O murmúrio do fantasma pode também ser na visão. Mas esse visto é meu.

“vocês viram isso?”

Não, ninguém. É assim o assombro, parece ter destinatário.

Mas arrisco inferir que o fantasma sou eu mesma. No que só eu vejo, esse fragmento não corpóreo, percebido pelo meu corpo porque nele quer se agregar.

Em 2008, Stephen Hawking disse que "se informações forem perdidas em buracos negros, não poderíamos prever o futuro, porque um buraco negro poderia então, emitir qualquer tipo de partículas. Poderia emitir um aparelho de televisão em funcionamento, ou um volume encadernado em couro das obras completas de Shakespeare"⁷

⁷ (HAWKING, 2008. Tradução nossa)

Estou observando um buraco que é cavado.

Nesse momento tem sessenta centímetros de profundidade, dois metros de largura e faz sol. Cães latem. É inverno e sinto falta do sol de meio dia que repouso do topo do céu (o topo é uma linha vertical e reta em relação a um corpo humano de pé).

A poeira se espalha com o vento e, no capim desuniforme do arredor, não gera impressões. Talvez se estivesse deitada, formaria o negativo do meu corpo, como as mãos negativas da Caverna de Gargas, mas num chão de mato seco, de pó soprado de vento do buraco cavado uns metros ao lado.

Não serve de nada, essa cova rasa e compactada, se não para receber golpes. A terra não responde alto ao som do metal que a atinge. Ela responde com o murmúrio das pedrinhas que rolam de volta para dentro. É um gesto delicado

Também a ferramenta é operada com carinho. E esse buraco não serve de nada, além de sua função de buraco: a de ter um fundo e uma borda.

De suas qualidades, se nota:

- é intransportável;
- horizontalmente, demanda um limite de estaticidade;
- verticalmente, demanda profundidade.

Ele é o desejo espelhado do fora da Terra. Ir para cima, ver de longe, ver de um outro topo o topo do planeta como se fosse um cocuruto.

Olhar para dentro de si e ver o fora. A paisagem-buraco poderia abrigar meu corpo, se quisesse deitar entre os sedimentos como uma curta viagem no tempo para o passado, ou um devaneio na memória. Que é o que os sonhadores fazem.

Uma ferida se abre na palma da mão. É hora de parar.

Minha sobrinha desenhou o planeta, mas não soube como desenhar o mundo. Ambos se desenhavam no seu corpo enquanto ela girava e dizia: a Terra gira, tudo gira, tudo gira.

No céu (ou o firmamento, o alto, o lugar de onde cai, o espaço, o desejo) a vista desenha a profundidade.

A distância até lá é o primeiro marcador e acontecimento. A primeira consequência do Big Bang.

O princípio de tudo foi a criação da distância.

Então estamos aqui. E eles, ali.

Eu estou aqui

E cada estrela (que é um ponto) está em um ponto no espaço sideral.

E a visão cria uma medida, a da escala de até onde alcançam os pés, os braços esticados, a imaginação. Para os leigos em astrofísica, ou ignorantes das cosmologias, o céu é difuso: buracos negros, asteroides, ondas gravitacionais. Tudo ao mesmo tempo, sem contornos métricos.

O mapa então, da grandeza inimaginável, se desenha na observação mais pura dos olhos nus.

O espelho. Não o reflexo narcísico, mas aquele que, para atravessar, precisa estar quebrado. O outro lado, o mundo do espelho, aquele lugar que se vê através da fenda.

Um espelho com um pequeno corte na altura dos olhos. É por onde chegam os habitantes do outro lado.

A água já estava lá quando Ícaro caiu no oceano. A fundação de um mar se deu pelo nome.

Ler o que permanece após a queda: a rasura faz litorais.

Quando Ícaro cai, funda o Mar Icariano onde era O Mar Egeu. A rasura de palavras desse espaço entre é, igualmente, um litoral.

Na relação de distância espacial, pise aqui-terra e agora pise aqui-água.

Esse trajeto é chamado litoral.

Pise aqui-água, há milhões de anos e pise aqui-terra, ontem ou semana que vem.

Os desertos com ossos de baleias enfileirados e conchas, onde navegavam toda classe de algas em ondas, iluminadas pelas constelações. Onde marinheiros nomeariam os cruzeiros dos seus Suls e suas estrelas polares, suas ursas menores pré-mundanas, seus pedidos para as estrelas cadentes, seus banhos de sol no convés junto da alvorada e no poente, onde se contemplam peixes de barbatana furta cor e se desejam sereias que devoram humanos e se temem monstros que devoram humanos e se sente enjoo do cheiro de maresia - são igualmente litorais.

Leio aqui o texto úmido e traduzo em rochas que podem se fragmentar, como é toda escrita sobre algo. E vejo nos contornos da página, o litoral.

O meteorito caiu num mar raso. Hoje podemos ver um grande buraco.

Giuseppe Penone, na obra “Rovesciare i propri occhi”, em 1970, desejou se tornar cego ao ser um espelho. Entre seu olho e a lente, um litoral. Espaço entre a visão e a cegueira, entre o eu e o outro. Espaço sobre o qual tantas palavras, talvez até todas já foram escritas.

Diante um vulcão, falta a linguagem (Mas como Emily Dickinson, eu também nunca vi um vulcão). A erupção emudece um mundo. O silvo de uma explosão em magma, que as vezes é azul. Também o vulcão adormecido canta, como os astros cantam antes de devorarem humanos.

Escrever junto da erupção e desejar que as
palavras jorrem



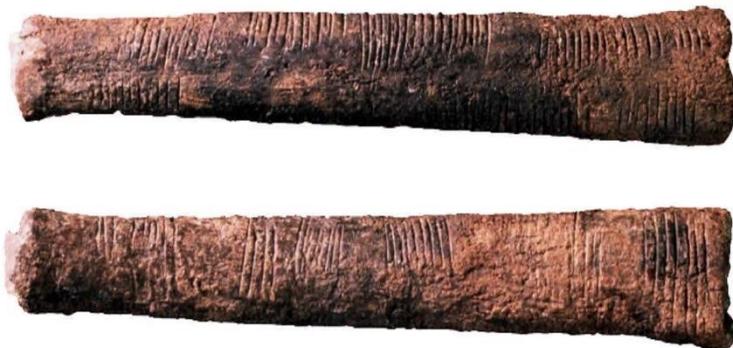
Danna Lua Irigaray. *Meu Querido Ícarus*. 2021



Uma Gorgone Macarea, mariposa amazônica que se alimenta de lágrimas de pássaros adormecidos. Fotografia de Leandro Moraes



Ecdise de uma cigarra. Também a Terra passa por uma lenta ecdise, através da tectônica de placas.



O Osso de Ishango (20 000 ac). Suas marcações astronômicas podem indicar um ciclo lunar, ou menstrual.

Escrever junto de imagens

(Paisagem com a Queda de Ícaro)

Todos os mares podem se tornar desertos,
mas eles não sabem.

O arado na margem, o pastoreio,
as velas ao vento.

Não só o Egeu se renomeia em queda,
nem só de espaço é feito o litoral.
E dentro do osso fossilizado na paisagem
desértica
pode-se encontrar o coração de Ícaro

O fato de a borboleta vir queimar suas asas na chama sem que se tenha o cuidado de apagá-la antes (...) é uma falta cósmica que não revolta nossa sensibilidade. Entretanto, que símbolo formidável é este de um ser que vem queimar as asas!⁸

⁸ (BACHELARD, 1989 p.55)

(Siluetas de Ana Mendieta)

Escrevo sobre o que está claro:
são imagens que somente vejo com meus
olhos. Não queimam não chovem não emitem
som ou fumaça
(ao contrário do horizonte, dos meus dias e
minhas noites)

Escrever junto de rochas

(Uma amostra do Domo de Araguainha, coletada por mim)

Só um lembrete de como o violento astro deixa ver o dentro da Terra, como a presa vê o dentro da fera, como só o caçador segura um coração nas mãos com amor.

(Uma amostra do Domo de Araguainha que foi um presente)

Queria que escurecesse. Escuro escuro dia, ainda morno. Não escuro da noite, mas um dia que ficou cego dele mesmo.

A escrita dos astros é como a alvorada: não treina, não cessa e não se aperfeiçoa na repetição. Então escrevo como a alvorada e na alvorada.

- Dia 1 e já falhei, o Sol está alto. Nasce cada vez que pisco.

- O papel está branco, debaixo da luz não enxergo as palavras. O dia fala em voz alta, mas não sei todo léxico de sua língua.

- Se minhas mãos orvalham o papel, a escrita também é noturna

▪ Um corrimão prateado. Na cor absoluta da memória, preciso olhar de perto para que apareçam os vermelhos de ferrugem, os cinzas gordurosos. É uma rocha onde sobem os turistas que se acham viajantes, pois entram em trilhas que não têm filas. Então estou acima das maritacas e mais perto do sol. Entre a diagonal da pedra e o corrimão (agora multicolor), se pode dormir. Essa memória se tornou um sonho diurno.

▪ Pela percepção de uma alvorada que tem como referente apenas o próprio olho: pisque em solipsismo, ignore o que queima e os sons dos animais diurnos. Se a visão continuar vermelha ou amarela ou até então verde, cubra os olhos com as mãos.

"Quando a imagem da chama se impõe a um poeta para dizer uma verdade do mundo vegetal, é preciso que a imagem permaneça em uma frase"⁹

⁹ (Idem, p.75)

Aprendi com a Alina Duchrow a meditar com a vela. Mesmo após o incêndio que durou sete dias no jardim e me fez desejar ser uma mulher-evaporada-chovida, não sinto medo do fogo.

Das árvores que queimaram inteiras, restaram, no chão, buracos negros no jardim todo negro. O rastro do caule é como uma sombra invertida de cinza branca.

Impossível não sentir como se a falta fosse um buraco com contornos definidos

Um buraco com a forma das mãos negativas em cavernas na beira do mar, do rosto da pessoa amada que não mais há, de uma ilha que só existe em sonho

Coccia descreve os álbuns de fotografia como "a representação mais precisa da coincidência entre vida e metamorfose"¹⁰, pelo estranhamento dos diversos seres ali ilustrados que reconhecemos como nós mesmos. Imagino se os astros se reconheceriam nas fotografias tiradas pelos diversos telescópios. Me pergunto se a Terra se revela azul, ou se é de fato azul.

Quando pensamos o que somos de fato, evocamos a ideia de olhar *para dentro*. Para além de uma metáfora, os olhos da imaginação, quando voltados para esse dentro, para o nosso próprio centro e núcleo, enxergam as imagens secretas da memória e sonho. E não a do sangue e vísceras ou a cor dos

¹⁰ (COCCIA, E. 2020 p.18)

ácidos estomacais. Nossa materialidade interior
está envolta em escuridão.

A lua, prateado corta entre as telhas e pálpebras.
Adentra a costura dos ossos até que tudo esteja
polido de sua ubíqua luz.

(Ela parece estar parada, embora lentamente
ocorra um tipo de vertigem em que eu sei que
estamos nos encarando, em que eu sei que há
movimento, mas meus próprios olhos estão
imóveis e fixos nesse único globo. Que embora
redondo e brilhante, não se parece com um olho e
sim com o que eu imaginaria ser o exato oposto de
um olho.)

Para observar o sono dos pássaros, saio com lanternas tão fracas que parecem inúteis.

Existe uma fração de tempo no qual as pupilas dos olhos se expandem e se adaptam ao breu. São vinte minutos em que nos movemos com as mãos estendidas, os joelhos flexionados, as pálpebras meio abertas demais e tropeçamos. Se acendemos luzes, as pupilas se contraem e voltamos à estaca zero. Isso pode ser feito na frente de um espelho, se houver o desejo de observar como enxerga um reflexo.

Mas com essas lanternas fracas, logo no topo da cabeça, não nos adaptamos nem ao breu nem a luz. O desconforto de quase ver é que nos deixa atentos. Pois atento é uma palavra próxima de

desperto, e para ver um outro que dorme, é preciso nos manter acordados.

É impossível o silêncio dos nossos próprios passos humanos. Esse é um desejo ingênuo das primeiras caminhadas na floresta, o de ser invisível silenciosa, de observar e não ser observada.

Na realidade, deve-se alinhar o ritmo dos passos com o do vento. E se não houver vento, alinha-se com o da respiração somente. E não se pode interromper a respiração.

E são esses os pés de vento que nos fazem transitar entre mundos, como Mercúrio. E assim, desconfortavelmente despertos, meio cegos e muito vivos, poderemos vê-los:

enfileirados, têm cílios, sonham imagens que
jamais conheceremos. A única palavra que se
revela é *ternura*.

Quando um pássaro está no chão, para não mais voar,
é fundamentalmente
a queda.

Não o pouso que se demora, mas a queda que faz
tombar junto ao firmamento (as pequenas mortes
que mais doem e nos fazem desejar sermos
igualmente pequenos e debaixo da terra e não mais
donos de um rosto)

Para os que se perguntam qual a palavra que
contém dentro nela as palavras força e delicadeza,
há duas:

amor e morte

É sempre na comunicação entrecortada dos que que não falam a mesma língua (ou que a esqueceram) que as informações mais importantes são transmitidas. É preciso estar atenta. Um erro simples de tradução, um falso cognato ou o que se compreende na desatenção mudam o rumo de tudo. É esse o caminho que se deve seguir, o que a palavra revela na língua dela mesma, sem o contágio dos significados em delírio de uma mesma comunidade.

No tempo do sonho, os xapiri pë mostraram para Kopenawa que os minérios são “pedaços do céu, da lua, do sol e das estrelas que caíram no primeiro tempo”¹¹. A mineração dos brancos destrói as florestas e constrói uma escada de desastre rumo ao cosmos. A mineração de asteroides, a colonização de Marte, por exemplo, são abafadas pelo deslumbramento da exploração desses territórios. A imagem da Terra vista como um ponto azul é, também, uma imagem vista pelo colonizador.

¹¹(LIMULJA, 2022. p.43)

A fera se caracteriza pela presença de boca. É o ser
cujo hálito causa espanto

ou outra coisa

Nastassja Martin sabe disso, pois sua própria boca
sangrenta morou dentro da boca do urso. Em
algum lugar do universo há uma boca grande o
suficiente para devorar a Terra, como ela mesma
abre as suas para devorar os astros que caem.

Sobre o que parece sempre ter estado lá: isso é uma
característica do repouso, e com o treino
apropriado, bastam uns poucos minutos de auto
abandono para que pousem as mariposas no corpo
e até pequenos lagartos, se estiver sol.

Nada do que envolve a morte é um processo de solidão.

Primeira tentativa de transcrever a língua da paisagem.

Ouço. Como minha língua humana é falada, ouço. O que dizem os grilos, é dito atrás de mim. Preciso de um papel para ser escrito na nuca. Ao mesmo tempo pulsam os vagalumes. É noite.

O papel precisaria de uma profundidade infinita, mas então se tornaria o próprio espaço. Cada coisa que se move e pulsa e emite som se conecta com a manifestação de vida que está ao lado. Essa teia é impossível de ignorar, de forma com que o horizonte escuro a minha frente – onde brilham os vagalumes e as folhas são prateadas de lua – é ao mesmo tempo o nascer do sol na antípoda. Pois cada centímetro de espaço conversa com o que está adiante, e aos lados, e em todas as direções.

A Terra é um ser de noite e dia, vida e morte paralelos, ao mesmo tempo, de magma e atmosfera. O pensamento em seções nos faz desejar uma transcrição que esteja numa página, numa tela, numa sala de galeria.

Talvez seja o cubo negro, talvez sejam olhos que encaram, talvez seja uma folha ou pedra deslocadas, as transcrições possíveis.

Uma vez vi uma araucária coberta de vagalumes. Se desmanchava em seus voos. Olhar a paisagem é uma sedimentação da memória, ao mesmo tempo que a primeira vez que se vê.

Todas as outras tentativas de transcrições são páginas em branco. Nossos aparelhos corporais

repetem padrões em espécies diversas, também estamos entrelaçados, junto a teia que conecta dia e noite, igualmente encobrendo a superfície da Terra. Tornar-se fluente em sua língua é, por fim, emudecer de vez.

Leio os livros imaginando a cronologia secreta entre uma página e outra, uma linha e outra. Quantas páginas em branco deveriam haver se fossem registrados os intervalos da escrita?

Mais intensamente, a cronologia secreta entre as palavras. E se um dia foram manuscritos, uma única letra pôde ter sido desenhada lentamente ao longo de vários dias com mais muitos dias em branco entre eles.

É preciso sonhar, mas sei que estou desperta porque escrevo e cada letra é a mesma que sua semelhante, ainda que um garrancho. E a realidade não é um símbolo, mas cada letra A é um símbolo de si mesma. Nos sonhos, cada alfabeto tem a característica de mudar em cada piscadela.

O grande estranho familiar talvez seja a língua que não falo. No sonho, esses alfabetos que não leio são minha própria língua. E se me desvendo, acabam os sonhos. Se acabam os sonhos, não resta o que amar.

Se os deuses sumissem, cultuaríamos o sumiço?

A noite é da imagem, dos mortos e dos outros seres que habitam o cosmos. É quando a imagem, liberta do corpo, pode vagar por lugares desconhecidos, encontrar parentes distantes ou falecidos.¹²

¹²(LIMULJA, 2022. p.67)

Olho para o lado: vejo o risco da queda, pois estou no penhasco.

Sinto com os dedos: pedra e líquen, pois estou no penhasco.

Quando vejo algo que não toco, é isso, também, a paisagem?

O que há entre essa textura fria e a serra ensolarada, senão meu desejo?

“Catasterismo, na mitologia grega, é o acto de transformar uma personagem, homem, animal ou objecto numa constelação de forma a eternizá-lo no firmamento.”¹³

¹³ <https://www.wikiwand.com/pt/Catasterismo>

Não se cria magma
da chama de uma vela
do pequeno fogo que não contém em si o grande
fogo
de um sol inteiro
Mas sim um pequeno sol efêmero, há um sopro
apenas do escuro.
Nas profundezas, onde há raízes, não se acendem
velas.

Nastassja narra um sonho em que fala a língua do urso antes do encontro com o urso que a atacou e do qual sobreviveu. E apresenta um diálogo no qual aprende

as imagens noturnas não são sempre puras projeções. Sonhos-lembranças ou sonhos-desejos. Existem outros sonhos, como esse (...) que não controlamos, mas que esperamos, porque eles estabelecem uma conexão com os seres do lado de fora¹⁴

Ela seguiu o caminho do sonho em direção a fera.
Ela não foi a única.

¹⁴ (MARTIN, 2021 p. 83)

E se a Terra também é uma fera, com sua boca aberta, seus órgãos expostos, devoradora de astros?

Nastassja levou consigo algo do urso e vice-versa. Violento sobreviver, o golpe.

E se o astro, ao ser devorado, leva consigo a vida, como as quedas que precederam grandes extinções?

Quem é capaz de sobreviver a esse encontro?

Será que a Terra morre toda vez que engole? Ou come a si mesma para engolir o outro?

O paradoxo de Olbers, descrito em 1826, questiona por que a noite é escura, se há infinitas estrelas no céu.

Os deuses já sabiam que o brilho das estrelas todas não tornaria o céu noturno em dia, pois como o tempo, também nasceram, para então se tornarem eternos.

Existe uma suspensão do movimento uma retenção uma parada um estupor que se apossa das duas feras pegadas no encontro arcaico – aquele que não se planeja, aquele que não se evita, aquele do qual não se foge.¹⁵

¹⁵ (MARTIN, 2021. p.98)

Diante a paisagem, seria ela a própria experiência
de língua da natureza?

KUBLAI: Não sei quando você encontrou tempo de visitar todos os países que me descreve. A minha impressão é de que você nunca saiu deste jardim.

POLO: Todas as coisas que vejo e faço ganham sentido num espaço da mente em que reina a mesma calma que existe aqui, a mesma penumbra, o mesmo silêncio percorrido pelo farfalhar das folhas.¹⁶

¹⁶ (CALVINO, I. 2013. p. 95)

Os maiores desertos do mundo: a Antártida

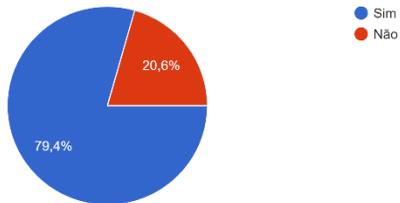
O Saara.

Imagino a aridez, de gelo ou areia. A imensidão da qual, coloquialmente chamamos

No meio do nada.

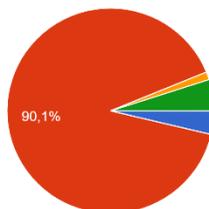
Realizei a pesquisa: das pessoas que desejam o fim do mundo, o desejo é na realidade, o desejo da queda do astro.

Você já desejou o fim do mundo?
102 respostas



Como você deseja que o mundo acabe? Escolha 1 (uma) opção?

81 respostas



- Catástrofe climática (alagamentos, enchentes, estiagem, maremotos, etc)
- A queda de um astro, desastre celeste (asteróide, meteoritos, etc)
- Crise sanitária (pandemias, etc)
- Guerras e conflitos (genocídios, uso de armas químicas e/ou biológicas, uso de bomba atômica, etc)

Daniela Rößler é uma pesquisadora alemã. Durante o lockdown de 2020, sua pesquisa de campo na floresta amazônica foi suspensa, então no seu jardim, observou o sono das aranhas. Em seus retiros de seda, seus corpos e olhos se movem, como os nossos olhos e corpos humanos se movem, quando sonhamos.¹⁷

Como sonhar o sonho das aranhas?

¹⁷(RÖßLER, D, 2021)

O abraço da aranha armadeira deixou duas marcas no dedo do pé.

Essa colisão, o encontro com pequena fera, impacto de corpos que caminhavam – na verdade um abraço fraterno - foi uma picada seca. Quando o veneno não é inoculado, apenas a assinatura das quelíceras é desenhada na pele.

Para dizer com amor a um animal, é preciso silêncio.

Nenhuma promessa de confiança vazia se faz com palavra a um animal selvagem. E nesse repouso de membros e voz, quando ambas as presenças se percebem, é que podemos dizer: venha.

E vem a cobra coral, a borboleta, a cuíca, o morcego.

E é também com amor que o jardim se torna um cemitério de pequenas feras. É importante abrir as covas debaixo do sol e das folhas, com medidas que caibam as mãos. Colocar os ossos na terra e não os desenterrar.

Alfabeto é um mapa, pois a língua é um território

Solastalgia

nome feminino

sentimento de angústia relacionado com a degradação das condições ecológicas do lugar em que se vive e/ou cresceu¹⁸

¹⁸ <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/solastalgia>

Achei que o olho d'água estivesse seco. Restou um buraco no inverno, onde caíram árvores mortas, troncos de densidades e tamanhos variados. Achei que isso sufocasse a terra, pois quando a água nasce é como um sopro de bolhinhas que sopra e sopra até encher, transbordar. Achei que precisasse fazer alguma coisa para a terra respirar e expirar água, que meu corpo tivesse força para isso.

Que delicioso engano, que deleite o de estar errada ao ver o nascimento torrencial das águas.

A lua possui uma cauda secreta de sódio, como a de um cometa, invisível ao olho humano

C26FED2 é um satélite temporário que orbita a Terra desde 2017. Não é a primeira vez que uma mini lua foi observada na órbita terrestre

No jardim: duas pegadas de jaguatirica. São largas e sem unhas.

Desejo nosso encontro desde antes o incêndio, quando apareceram bem na parte da floresta onde o fogo começou.

Mas encontro apenas seu rastro. Seu miado meio rugido de noite. O sonho que ela desperta em mim de ser devorada por um bicho que faça meu auto rito fúnebre ser orgânico.

O nascimento é apenas isso, a impossibilidade de estar fora de uma relação de continuidade entre o nosso eu e o eu dos outros, entre a vida humana e a vida não humana, entre a vida e a matéria do mundo. Eu nasci. Eu transmito sempre algo que não sou eu mesmo. O eu não passa de um transmissor de matéria estrangeira, que vem de fora e que está destinada a ir mais longe do que eu¹⁹

O nascimento, para os seres viventes, significa o início da vida. Talvez para os rios e os astros, signifique o início de um estado de vida.

¹⁹ (COCCIA, E. 2020)

O grifo-de-Ruppell é um abutre endêmico da África Central. Olhos amarelos, levantam voo após o nascer do sol. Podem atingir uma altitude de 11.300m, a maior registrada por uma ave. Seu corpo de grifo celeste absorve oxigênio na altura das nuvens. Seus olhos de rapina enxergam ainda além. Pelo voo excepcional, transitam entre os mundos de cima e de baixo.

Os seres do reino vegetal são também responsáveis por trazerem a estrela para o chão, graças a eles “a Terra se torna um astro que se alimenta de Sol, se constrói com sua luz”²⁰

Tal qual a queda do meteorito, a estrela adentra o corpo do mundo. Coccia continua:

A raiz permite ao Sol — e à vida — penetrar até a moela do planeta, levar a influência do Sol até suas camadas mais profundas, infiltrar o corpo metamorfoseado da estrela que nos engendra até o centro da Terra²¹

A copa das árvores desenha a atmosfera.

²⁰ (COCCIA, E. 2018 p.86)

²¹ (Idem p.87)

Chegar ao sol sem queda, não como Ícaro, mas como uma árvore que cresce raízes, tronco e respiro.

Um mapa mostra o trajeto de um caçador na floresta, mas não.

Um mapa mostra a mudança de estações e os dedos azuis de inverno, mas não.

O caminho do sonho revela o que o mapa não suporta.

Sigo vendo água. Prateados olhos d'água entre os cílios, na estrada, na janela. Sei que a cegueira está no meu horizonte e quero ver tudo, até o que não há.

A paisagem, o outro e o cosmos tem em comum o fato de serem absolutamente onde não estou e ao mesmo tempo a matéria da qual sou feita.

Vejo, a estrada nada mais é que uma repetição, ir
por onde já foram.

O que alarga a experiência é o caminho do sonho.

Diário da Queda

III

O meteorito, absoluto e longínquo estrangeiro, recebe o seu nome terráqueo na língua nativa do lugar onde a queda foi observada.

1 de janeiro de 1998. Tocache

3 de janeiro de 1970. Lost City

4 de janeiro de 2004. Villabelto

5 de janeiro de 2018. Matarka

6 de janeiro de 1985. La Criolla

7 de janeiro de 1996. Tsukuba

8 de janeiro de 2001. Beni M'Hira

9 de janeiro de 2020. Zhob

10 de janeiro de 1623. Stretchleigh

11 de janeiro de 1998. Elbert

12 de janeiro de 1995. Galkiv

15 de janeiro de 1920. Aguila Branca

16 de janeiro de 2018. Ann Arbor

17 de janeiro de 1988. Chisenga

18 de janeiro de 2000. Tagish Lake

19 de janeiro de 1867. Khetri

20 de janeiro de 1926. Palmyra

21 de janeiro de 1887. De Cewsville

22 de janeiro de 1910. Vingarano

23 de janeiro de 2008. Santa Lucia

24 de janeiro de 1898. Mjelleim

25 de janeiro de 1949. Mezel

26 de janeiro de 1496. Valdinoce

27 de janeiro de 1886. Nammianthal

28 de janeiro de 1934. Rumuruti

29 de janeiro de 1838. Kae

30 de janeiro de 1868. Pultusk

31 de janeiro de 1991. Campos Sales

1 de fevereiro de 2003. Hiroshima

2 de fevereiro de 1933. Zemaitkiemis

3 de fevereiro de 1882. Mocs

4 de fevereiro de 2011. Krizevci

5 de fevereiro de 1977. Innisfree

6 de fevereiro de 2016. Erlev

7 de fevereiro de 1949. Rupota

8 de fevereiro de 1969. Allende

9 de fevereiro de 1884. Pirthalla

10 de fevereiro de 1853. Girgenti

11 de fevereiro de 2012. xining

12 de fevereiro de 2002. Bensour

13 de fevereiro de 1688. Sasagase

14 de fevereiro de 1975. Tambakwatu

15 de fevereiro de 2013. Chelyabinsk

16 de fevereiro de 2017. San Pedro de Urabá

17 de fevereiro de 1930. Paragould

18 de fevereiro de 1995. Neagari

19 de fevereiro de 1785. Wittmess

20 de fevereiro de 1917. Ranchapur

21 de fevereiro de 2007. Mahadevpur

23 de fevereiro de 1961. Ras Tanura

25 de fevereiro de 1861. Djermaia

26 de fevereiro de 1929. Olmedilla de Alarcón

27 de fevereiro de 2014. Kuresoi

28 de fevereiro de 2010. Kosice

29 de fevereiro de 1896. Motta di conti

1 de março de 1988. Trebbin

2 de março de 2001. Dergaon

3 de março de 1975. Ijopega

4 de março de 1960. Bruderheim

5 de março de 1960. Gao-Guenie

6 de março de 1636. Sagan

7 de março de 2018. Olympic Coast

8 de março de 1976. Jilin

9 de março de 1923. Ashdon

10 de março de 1989. Djelfa

11 de março de 1977. Changde

12 de março de 1899. Bjurböle

13 de março de 1984. Jumapalo

14 de março de 1881. Middlesbrough

15 de março de 1806. Alais

16 de março de 1863. Pulsora

17 de março de 1930. Zindoo

19 de março de 1924. La Colina

20 de março de 2016. Granada

22 de março de 1998. Monahans

23 de março de 1491. Cremona

24 de março de 1933. Pasamonte

25 de março de 1843. Bishopville

26 de março de 2003. Park Forest

27 de março de 1940. Bhola

28 de março de 1859. LaPorte County

29 de março de 1906. Kulp

30 de março de 1654. Fünen

31 de março de 1963. Peace River

1 de abril de 1857. Heredia

2 de abril de 1936. Yurtuk

3 de abril de 1916. Treysa

4 de abril de 1980. Lunan

5 de abril de 1916. Ekh Khera

6 de abril de 2002. Neuschwanstein

7 de abril de 1887. Lalitpur

8 de abril de 1971. Wethersfield

9 de abril de 1628. Hatford

10 de abril de 1935. Sungach

11 de abril de 1715. Schellin

12 de abril de 1864. Nerft

13 de abril de 1913. Sakauchi

14 de abril de 1923. Holetta

15 de abril de 1857. Kaba

16 de abril de 1926. Urasaki

17 de abril de 1851. Gütersloh

18 de abril de 1880. Veramin

19 de abril de 2018. Aba Panu

20 de abril de 1922. Hedeskoga

21 de abril de 1913. Moore County

22 de abril de 2012. Sutter's Mill

23 de abril de 2013. Braunschweig

24 de abril de 1875. Nagaria

25 de abril de 1969. Bovedy and Sprucefield

26 de abril de 1842. Milena

27 de abril de 1905. Karkh Jhalawan

28 de abril de 1893. Bherai

29 de abril de 1844. Killeter

30 de abril de 2011. Soltmany

1 de maio de 1919. Adhi Kot

2 de maio de 1926. Jajh deh Kot - Laloo

3 de maio de 1925. Howardite

4 de maio de 1946. Krasnyi Klyuch

5 de maio de 1868. Krähenberg

6 de maio de 2000. Morávka

7 de maio de 1979. Cilimus

8 de maio de 1872. Dyalpur

9 de maio de 1840. Karakol

10 de maio de 1874. Puerto Lapice

11 de maio de 2007. Sevrukovo

12 de maio de 1891. Butsura

13 de maio de 1831. Vouillé

14 de maio de 1864. Orgueil

15 de maio de 1900. Felix

16 de maio de 1981. Omolon

17 de maio de 1879. Gnadenfrei

18 de maio de 1988. Torino

19 de maio de 1826. Pavlograd

20 de maio de 1921. Samelia

21 de maio de 1871. Searsmont

22 de maio de 2012. Katol

23 de maio de 1865. Gopalpur

24 de maio de 1886. Aerolite

25 de maio de 1971. Shuangyang

26 de maio de 2017. Três Irmãos

27 de maio de 1905. Minnichhof

28 de maio de 1886. Barntrup

29 de maio de 1936. Ichkala

30 de maio de 1961. Harleton

1 de junho de 2018. Mangui

2 de junho de 2016. Dishchii'bikoh

3 de junho de 1842. Aumieres

4 de junho de 1890. Kakangari

5 de junho de 2017. Sadiya

6 de junho de 1838. Chandakapur

7 de junho de 1855. Saint Denis Westrem

8 de junho de 1962. Sainte-Marguerite

9 de junho de 1867. Tadjera

10 de junho de 1901. Sindhri

11 de junho de 1949. Kunashak

12 de junho de 2008. Plescoi

13 de junho de 1993. Ban Rong Duc

14 de junho de 1994. Saint-Robert

15 de junho de 1821. Eucrite

16 de junho de 1794. Siena

17 de junho de 1877. Jodzie

18 de junho de 1889. Mighei

19 de junho de 2010. Varre-Sai

20 de junho de 1998. Kunya-Urgench

21 de junho de 2018. Ozerki

22 de junho de 1931. Malotas

23 de junho de 1939. Chernovy Kut

24 de junho de 1938. Chicora Airavata

25 de junho de 1983. Ningqiang

26 de junho de 1926. Lua

27 de junho de 2019. Wad Lahteyba

28 de junho de 1911. Nakhla

29 de junho de 1903. Uberaba

30 de junho de 1908. Tunguska

1 de julho de 1933. Cherokee Springs

2 de julho de 1982. Qidong

3 de julho de 1753. Tabor

4 de julho de 1890. Saint-Germain-du-Pinel

5 de julho de 2002. Maromandia

6 de julho de 1924. Johnstown

7 de julho de 1942. Ankober

8 de julho de 1811. Berlanguillas

9 de julho de 2001. Bukhara

10 de julho de 1914. Saint-Sauveur

11 de julho de 1868. Ornans

12 de julho de 1968. Awere

13 de julho de 2010. Huaxi

14 de julho de 1953. Medanitus

15 de julho de 2000. Yafa

16 de julho de 1955. Messina

17 de julho de 2013. Aouinet Legraa

18 de julho de 1941. Phuoc-Binh

19 de julho de 1917. Silistra

20 de julho de 1892. Guareña

21 de julho de 2002. Kilabo

22 de julho de 1838. Montlivault

23 de julho de 1934. Bahjoi

24 de julho de 1837. Gross-Divina

25 de julho de 1943. Benoni

26 de julho de 1958. Ramsdorf

27 de julho de 1956. Nadiabondi

28 de julho de 1957. Essebi

29 de julho de 1986. Kokubunji

30 de julho de 2015. Moshampa

31 de julho de 1986. Wu'an

1 de agosto de 1898. Bodilla

2 de agosto de 1946. Peña Blanca

3 de agosto de 1974. Mayo Belwa

4 de agosto de 1998. Zag

5 de agosto de 1957. Ufana

6 de agosto de 1950. Patrimônio

7 de agosto de 1822. Pradesh

8 de agosto de 1868. Pillistfer

9 de agosto de 1921. Shikarpur

10 de agosto de 1818. Slobodka

11 de agosto de 2007. Red Canyon Lake

12 de agosto de 1865. Dundrum

13 de agosto de 1904. Shelburne

14 de agosto de 1962. Urtiga

15 de agosto de 1989. Sixiangkou

16 de agosto de 1937. Putinga

17 de agosto de 1936. Crescent

18 de agosto de 1870. Olivine

19 de agosto de 2020. Santa Filomena

20 de agosto de 2019. Al Farciya

21 de agosto de 1991. Mount Tazerzait

22 de agosto de 2000. Soum

23 de agosto de 1950. Monte das Fortes

24 de agosto de 2016. Banma

25 de agosto de 1994. Baszkówka

26 de agosto de 2018. Hammadah al Hamra

27 de agosto de 1931. Jiangxi

28 de agosto de 1925. Ellemeet

29 de agosto de 1892. Bath

30 de agosto de 1920. Merua

31 de agosto de 1961. Ehole

1 de setembro de 1997. Worden

2 de setembro de 1967. Wiluna

3 de setembro de 1808. Lissa

4 de setembro de 1886. Novo-Uruei

5 de setembro de 1998. Dashoguz

6 de setembro de 1880. Chetrinahatti

7 de setembro de 1868. Basses-Pyrénées

8 de setembro de 1753. Luponnas

9 de setembro de 1831. Wessely

10 de setembro de 1978. Kiangsu

11 de setembro de 1954. Arbol Solo

12 de setembro de 2008. Hosur

13 de setembro de 1902. Crumli

14 de setembro de 2011. Boumeid

15 de setembro de 2007. Carancas

16 de setembro de 2016. Shaanxi

17 de setembro de 1998. Chadong

18 de setembro de 2015. Maldonado

19 de setembro de 1775. Rodacheer

20 de setembro de 1950. Murray

21 de setembro de 2013. Vicencia

22 de setembro de 1887. Phu Hong

23 de setembro de 2003. Nova Orleans

24 de setembro de 2003. Boumeid

25 de setembro de 1996. Fermo

26 de setembro de 1873. Santa Barbara

27 de setembro de 1632. Minamino

28 de setembro de 1969. Murchison

29 de setembro de 1928. Naoki

30 de setembro de 1989. Sivas

1 de outubro de 1923. Magé

2 de outubro de 1933. Pesyanoe

3 de outubro de 1932. Zagami

4 de outubro de 1975. Ningbo

5 de outubro de 1971. Marília

6 de outubro de 1869. Lumpkin

7 de outubro de 2008. Almahata Sitta

8 de outubro de 1803. Apt

9 de outubro de 1992. Peekskill

10 de outubro de 1938. Zhovtnevyi

11 de outubro de 1950. Vengerovo

12 de outubro de 1970. Dwareni

13 de outubro de 1959. Hamlet

14 de outubro de 1824. Spadek

15 de outubro de 1972. Valera

16 de outubro de 2012. Novato

17 de outubro de 1951. Olenivka

18 de outubro de 1984. Zaoyang

20 de outubro de 1951. Manych

21 de outubro de 1996. Turtle Lake

22 de outubro de 1903. Dokachi

23 de outubro de 1970. Kiffa

24 de outubro de 1899. Peramilho

25 de outubro de 1984. Zhaodong

26 de outubro de 1940. Semarkona

27 de outubro de 1999. Bilanga

28 de outubro de 2004. Kaprada

29 de outubro de 1905. Bholgati

30 de outubro de 1994. Lohawat

31 de outubro de 2016. Dingle Dell

1 de novembro de 1862. Sevilla

2 de novembro de 2003. Kasauli

4 de novembro de 1879. Kalumbi

5 de novembro de 1851. Nulles

7 de novembro de 1967. Kingai

8 de novembro de 1994. New Halfa

9 de novembro de 1937. Novorybinsk

11 de novembro de 1836. Macau

12 de novembro de 1856. Trenzano

13 de novembro de 1952. Galim

14 de novembro de 1968. Juromenha

15 de novembro de 1902. Bath Furnace

16 de novembro de 1492. Ensisheim

17 de novembro de 1957. Raco

18 de novembro de 2016. Msied

19 de novembro de 1881. Grossliebenthal

20 de novembro de 1986. Raghunathpura

21 de novembro de 1916. Rampurhat

22 de novembro de 2004. Benguerir

23 de novembro de 1810. Charsonville

24 de novembro de 1959. Yardymly

25 de novembro de 1943. Leedey

26 de novembro de 1908. Mokoia

27 de novembro de 2017. Yunan

28 de novembro de 1977. Kutais

29 de novembro de 1637. Mount Vaisi

30 de novembro de 1850. Shalka

1 de dezembro de 1889. Amphoterite

2 de dezembro de 1852. Bustee

3 de dezembro de 1917. Strathmore

4 de dezembro de 1934. Farmville

5 de dezembro de 1868. Frankfort

6 de dezembro de 1866. Cangas de Onis

7 de dezembro de 1863. Tourinnes-la-Grosse

9 de dezembro de 2014. Zdar nad Sazavou

10 de dezembro de 1926. Ojuelos Altos

13 de dezembro de 1795. Wold Cottage

14 de dezembro de 1999. Dungoban

15 de dezembro de 1978. Nuevo Mercurio

16 de dezembro de 2012. Mreira

18 de dezembro de 1963. Zaisan

19 de dezembro de 1798. Krakhut

20 de dezembro de 2008. Tamdakht

21 de dezembro de 1923. Nakhon Pathom

22 de dezembro de 1863. Manbhoom

23 de dezembro de 1920. Atarra

24 de dezembro de 1858. Molina

25 de dezembro de 1704. Barcelona

26 de dezembro de 1934. Fayetteville

27 de dezembro de 1972. Ipiranga

28 de dezembro de 1998. Carapetel

29 de dezembro de 1937. Rangala

30 de dezembro de 1927. Oesede

31 de dezembro de 1921. Beyrout

Referências:

BACHELARD, G. **A Água e os sonhos:**
ensaio sobre imaginação da matéria, São
Paulo, Martins Fontes, 1998

_____ **A Chama de uma Vela.** São
Paulo, Editora Bertrand Brasil, 1989

BESSE, J.M. **O gosto do mundo:**
exercícios de paisagem. Rio de Janeiro, Ed.
Uerj, 2014

BORGES, J. L. **O Aleph,** Porto Alegre, ed.
Globo. 1998

CALVINO, I. **As Cidades Invisíveis.** São
Paulo, Companhia das Letras, 1990.

_____ **Todas as Cosmicômicas**, São Paulo, Companhia das Letras, 2007

CAUQUELIN, A. **A invenção da paisagem**. São Paulo, Martins Fontes, 2007

CIXOUS, H; DERRIDA, J. **Veils**. California, Stanford University Press, 2001

_____ **Frequentar os incorporais:** contribuição a uma teoria da arte contemporânea, São Paulo, Martins Fontes, 2008

COCCIA, E. **A Vida Das Plantas**. Uma Metafísica Da Mistura. Florianópolis, Editora Cultura e Barbárie, 2010

_____ **Metamorfoses**. Rio de Janeiro, Dantes Editora, 2020

CORRÊA, P. Robert Morris e os Andes: pedras, linhas, palavras in DIAS, Karina, BARBOSA, Iracema (orgs).

Poéticas 1 – Encontro
Internacional em Poéticas
Contemporâneas. Brasília: Mira Stella
Produções, 2018.

DURAS, M. As Mãos Negativas. Disponível
em:
<[https://www.escritas.org/pt/t/48430/as-
maos-negativas-excerto](https://www.escritas.org/pt/t/48430/as-maos-negativas-excerto)>

ESTAREGUI, A. Dança para cavalos: um
experimento de escrita. 2021. Dissertação
(Mestrado em Literatura e Crítica Literária)
- Programa de Estudos Pós-Graduados em
Literatura e Crítica Literária da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo, São
Paulo, 2021

HAWKING, S. Into a Black Hole, 2008.
Disponível em:
<<https://www.hawking.org.uk/in-words/lectures/into-a-black-hole>>

LE GUIN, U. “The author of the acacia seeds”. In: The unreal and the real II (outer space, inner lands). Easthampton: Small Beer Press, 2012

LIMULJA, H. **O desejo dos outros:** Uma etnografia dos sonhos yanomami. São Paulo, Ubu Editora, 2022

LIGHTMAN, A. **Sonhos de Einstein,** São Paulo, Companhia de Bolso, 2014

MARTIN, N. **Escute as Feras**. São Paulo, Editora 34, 2021.

OJEDA, R. Domo de Araguainha
[Entrevista concedida a]

Olhaki, Mineiros, n.3, p 12-18. Junho, 2014

ONFRAY, M. **Cosmos**: uma ontologia materialista, São Paulo, Martins Fontes, 2018

_____ **Teoria da Viagem**. Porto Alegre, L&PM, 2009

ONO, Yoko. **Grapefruit**. Tradução de Giovanna Viana Martins e Mariana de Matos Moreira Barbosa. Belo Horizonte: UFMG/FAPEMIG/UEMG, 2009.

Disponívelem:

<<https://monoskop.org/images/9/95/Ono>

_Yoko_Grapefruit_
O_Livro_de_Instrucoes_e_Desenh
os_de_Yoko_Ono.pdf>PAIVA, J. O.
Dicionário de Astronomia e Astronáutica I
Volume, Rio de Janeiro, Revista Continental
Editora, 1979

SAGAN, C. Is There Life on Earth?
Engineerin and Science, Califórnia, Volume
XXXV, número 4, p.16-19, Fevereiro, 1972

RAMPINO, M et al. A pulse of the Earth: A
27.5-Myr underlying cycle in coordinated
geological events over the last 260 Myr.
Geoscience Frontiers, Volume 12, Issue 6,
Novembro, 2021 Disponível em:
<<https://doi.org/10.1016/j.gsf.2021.101245>
>

RÖBLER, D, et al. Regularly occurring bouts of retinal movements suggest an REM sleep-like state in jumping spiders. 2022
Disponível em:
<<https://www.pnas.org/doi/full/10.1073/pnas.2204754119>>

WHITE, K. **O Espírito Nômade**, Porto, Deriva Editores, 2008